

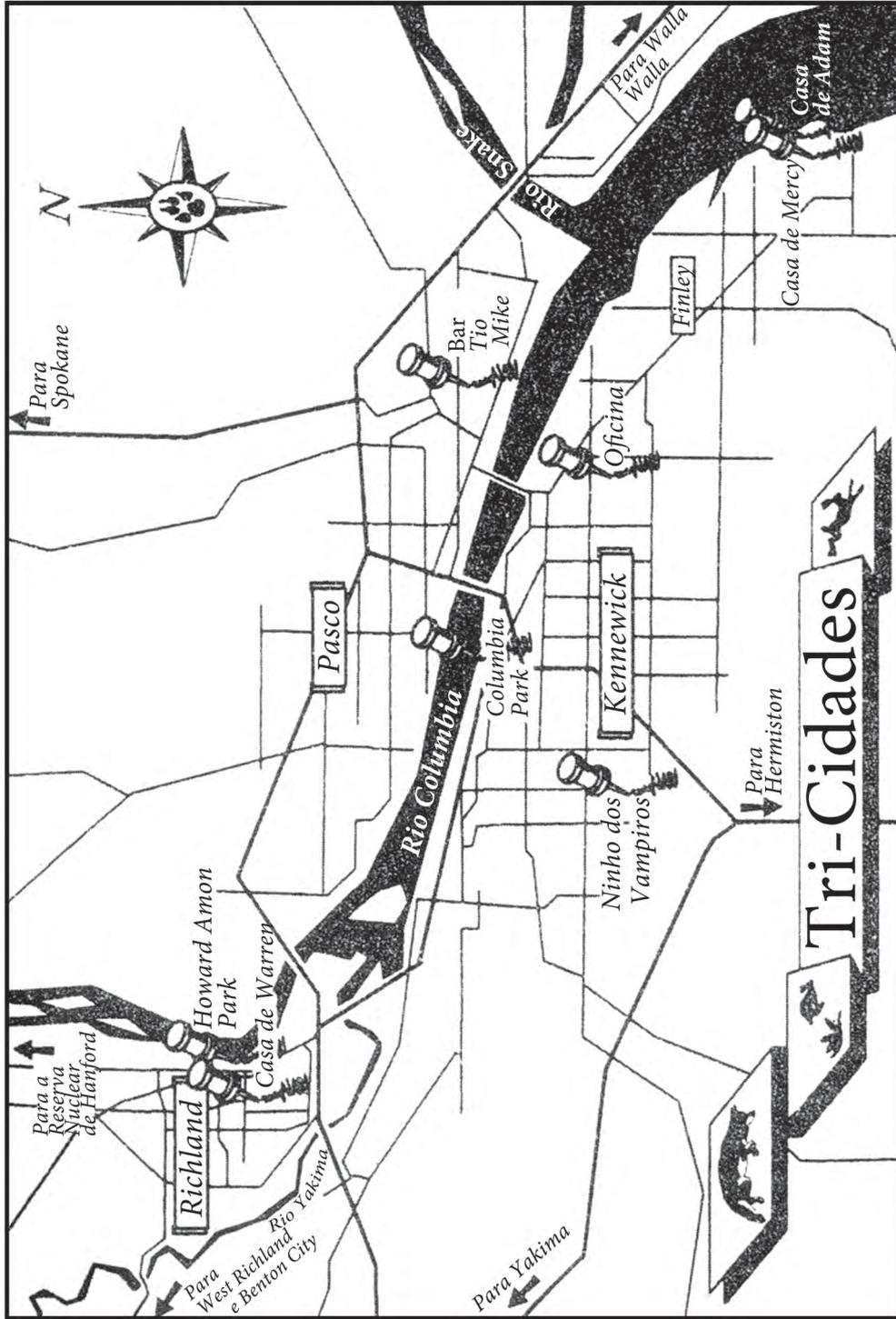
CRUZ DE OSSOS

PATRICIA BRIGGS

Tradução de Manuel Alberto Vieira

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*





Olhei fixamente para o meu reflexo no espelho. O meu aspeto não era o mais atraente, mas tinha um cabelo espesso que me roçava os ombros. A minha pele era mais escura nos braços e no rosto do que no resto do corpo, mas pelo menos, graças ao meu pai, que pertencera à tribo *Blackfoot*, nunca viria a ser pálida.

No queixo, tinha um corte que Samuel cosera com dois pontos, e no ombro, uma nódoa negra (danos não muito graves tendo em conta que enfrentara uma coisa que gostava de comer crianças e deixara um lobisomem K.O.). Visto de alguns ângulos, o fio escuro parecia-se com as patas de uma reluzente aranha preta. À parte o ferimento ligeiro, não tinha nenhum problema no corpo. O *karate* e o trabalho de mecânica mantinham-me em boa forma.

A minha alma estava bem mais maltratada do que o meu corpo, mas não conseguia vê-la ao espelho. E tinha a esperança de que mais ninguém conseguisse. Era aquele dano invisível que me fazia ter medo de sair da casa de banho e encarar Adam, que estava à minha espera no meu quarto. Apesar de saber com absoluta certeza que Adam não faria nada que eu não quisesse — e que durante muito tempo tinha querido que fizesse.

Podia pedir-lhe para se ir embora. Para me dar mais tempo. Fitei a mulher no espelho, mas a única coisa que fez foi retribuir-me o olhar.

Eu matara o homem que me tinha violado. Ia permitir-lhe esta última vitória? Permitir que me destruísse tal como tencionara?

— Mercy? — Adam não teve de levantar a voz. Sabia que conseguia ouvi-lo.

— Cuidado — disse-lhe, desviando a atenção do espelho e começando a vestir roupa interior lavada e uma *T-shirt* velha. — Tenho uma bengala antiga e sei como usá-la.

— A bengala está pousada na tua cama — replicou.

Quando saí da casa de banho, também Adam estava estendido na minha cama.

Não era alto, mas não precisava de altura para causar mais impressão do que a que já causava. Maços do rosto largas e uma boca grande e macia acima de um queixo obstinado combinavam-se para lhe dar uma beleza de estrela de cinema. Quando tinha os olhos abertos, eram da cor do chocolate preto, um tudo-nada mais claros do que os meus. O seu corpo era quase tão belo quanto o seu rosto — embora eu soubesse que ele não se via desse modo. Mantinha-se em forma porque era Alfa e o seu corpo era um instrumento que usava para manter o seu bando em segurança. Fora um soldado antes de se ter Transformado, e o treino militar ainda estava presente na forma como se movia e na forma como assumia o comando.

— Quando o Samuel regressar do hospital, vai passar o resto da noite em minha casa — disse Adam sem abrir os olhos. Samuel era o meu companheiro de casa, um médico, e um lobo solitário. A casa de Adam situava-se atrás da minha, com cerca de quatro hectares a separá-las — um era meu e o resto era de Adam. — Temos tempo para falar.

— Estás com péssimo aspeto — disse-lhe, não de forma muito verdadeira. De facto, parecia cansado, com círculos escuros abaixo dos olhos, mas nada, excluindo a mutilação, poderia fazer com que tivesse péssimo aspeto. — Em Washington, não têm camas?

Tivera de se deslocar a Washington (à capital — nós estávamos no estado) este fim de semana para resolver uma pequena confusão que era, de certo modo, da minha responsabilidade. É claro que se ele não tivesse estraçalhado o cadáver de Tim diante das câmaras e o DVD daí resultante não tivesse ido parar à secretária de um senador, não teria havido qualquer problema. Portanto, também era, em parte, culpa dele.

A culpa era, sobretudo, de Tim, bem como da pessoa que tinha feito uma cópia do DVD e o tinha enviado. Tinha tratado de Tim. Bran, o lobisomem maioral acima de todos os outros lobisomens maiorais, aparentemente estava a tratar da outra pessoa. Se fosse no ano passado, esperaria ouvir falar num funeral. Este ano, com os lobisomens a começar a admitir ao mundo a sua existência, Bran provavelmente seria mais circunspecto. O que quer que isso significasse.

Adam abriu os olhos e olhou para mim. Na obscuridade do quarto (ele apenas acendera a pequena luz na mesinha de cabeceira), os seus olhos pareciam negros. Havia no seu rosto uma tristeza que não existia antes, e

eu sabia que era por minha causa. Porque não fora capaz de me manter em segurança — e as pessoas como Adam levam isso muito a sério.

Pessoalmente, entendia que me cabia a mim a garantia da minha segurança. Por vezes, isso poderia significar recorrer a amigos, mas a responsabilidade era *minha*. Ainda assim, Adam encarava a situação como um fracasso.

— Então, já tomaste uma decisão? — perguntou.

Se o aceitaria como meu parceiro, queria ele dizer. A questão pairava no ar há demasiado tempo, e estava a afetar a sua capacidade de manter o bando sob controlo. Ironicamente, o que acontecera a Tim resolvera o problema que durante meses me tinha impedido de aceitar Adam. Cheguei à conclusão de que se era capaz de combater a poção mágica feérica que Tim me dera a beber, não ia ser o encanto de um Alfa que me transformaria numa escrava dócil.

Talvez lhe devesse ter agradecido antes de o atingir com o pé de cabra.

O Adam não é o Tim, disse a mim mesma. Pensei na fúria de Adam quando arrombara a porta da minha oficina, no seu desespero quando me persuadiu a beber novamente daquela maldita taça feérica. Além de me retirar qualquer capacidade de arbítrio, a taça tinham também o poder de curar — e naquele momento eu precisava desesperadamente de cura. Sur-tira efeito, mas Adam sentira que estava como que a trair-me, acreditava que o viria a odiar por isso. Mas, ainda assim, fizera-o. Concluí que por não estar a mentir quando disse que me amava. Quando me escondera por vergonha — atribuí isso à poção mágica, porque sabia... *sabia* que não tinha por que sentir vergonha —, ele puxara-me em forma de coiole de debaixo da cama, repreendera-me por ser tão tonta e mantivera-se abraçado a mim a noite toda. Depois, colocara o seu bando a vigiar-me para me manter em segurança, independentemente de eu precisar ou não.

Tim estava morto. E fora sempre um falhado. Diabos me levassem se ia ser vítima de um falhado — ou de quem quer que fosse.

— Mercy? — Adam permaneceu deitado de costas sobre a minha cama, adotando a posição de vulnerabilidade.

Em resposta, despi a *T-shirt* e deixei-a cair no chão.

Adam saiu da cama com uma velocidade que nunca lhe tinha visto em nenhum gesto, transportando consigo o edredão. Num piscar de olhos, estava embrulhada nele... e depois fui firmemente abraçada, os meus seios nus encostados ao seu peito. Adam inclinara a cabeça para o lado de modo que a minha face se comprimisse contra o seu queixo e a bochecha.

— A minha intenção era pôr o cobertor entre nós — disse com firmeza. O seu coração batia muito depressa contra o meu peito, e os braços

tremiam-lhe duros como pedra. — Não queria dizer que tinhas de dormir comigo agora. Um simples «sim» teria bastado.

Sabia que estava sexualmente excitado — mesmo uma pessoa comum sem olfato de coite se teria apercebido disso. Deslizei as mãos das suas ancas até à sua barriga dura, depois pelas costelas acima, e ouvi o batimento cardíaco dele acelerar ainda mais — nessa altura, uma transpiração ligeira brotou-lhe do queixo sob a minha carícia lenta. Sentia-lhe os músculos da face mexer enquanto cerrava os dentes, sentia o calor que lhe assomava à pele. Soprei-lhe ao ouvido e afastou-se de mim com um pulo, como se lhe tivesse dado uma estocada.

Listras âmbar iluminaram-lhe os olhos, e os seus lábios puseram-se mais inchados, mais vermelhos. Deixei cair o edredão em cima da *T-shirt*.

— Que merda, Mercy — não gostava de dizer palavrões na presença de mulheres. Considerava sempre um triunfo pessoal quando conseguia levá-lo a fazê-lo. — Ainda não passou sequer uma semana desde que foste violada. Não vou dormir contigo enquanto não falares primeiro com alguém, um conselheiro, um psicólogo.

— Eu estou ótima — repliquei, embora, na verdade, no momento em que a distância me afastara da segurança que Adam trazia consigo, me tivesse apercebido da sensação de estômago embrulhado.

Adam virou-se de modo que ficasse voltado para a janela, de costas para mim.

— Não, não estás. Lembra-te, não tens como mentir a um lobo, meu amor — expirou com demasiada força para que fosse um suspiro. Esfregou o cabelo bruscamente, tentando libertar-se da energia em excesso. Obscurosamente, este eriçou-se em pequenos caracóis que normalmente mantinha extremamente curtos para ficar com um aspeto proporcional e bem arranjado. — Com quem é que eu estou a falar? — perguntou, embora não achasse que a questão se dirigisse a mim. — Esta é a Mercy. Fazer-te falar sobre alguma coisa pessoal é como arrancar dentes mesmo nas melhores circunstâncias. Fazer-te falar com um estranho...

Não me considerava particularmente calada. Aliás, tinha sido acusada de falar de mais. Samuel dissera-me em mais do que uma ocasião que provavelmente viveria mais tempo se aprendesse a ficar calada de vez em quando.

Portanto, sem dizer uma palavra, esperei que Adam decidisse o que queria fazer.

Não fazia frio no quarto, mas ainda assim estava a tremer um pouco — devia ser dos nervos. Contudo, se Adam não se despachasse e fizesse alguma coisa, iria para a casa de banho vomitar. Desde que Tim me

provocara uma overdose de sumo feérico, passara demasiado tempo a “chamar o Gregório” para encarar esse pensamento com o mínimo de equanimidade.

Não estava a observar-me, mas não precisava de fazê-lo. As emoções têm cheiro. Virou-se para se fixar em mim com o sobrolho franzido. Percebeu o meu estado com um olhar perscrutador.

Praguejou e regressou para junto de mim em passo largo, envolvendo-me nos seus braços. Abraçou-me com força, produzindo sons baixos e tranquilizadores no fundo da garganta. Embalou-me suavemente.

Inalei profundamente o ar preenchido pelo odor de Adam e tentei pensar. Numa situação normal, isso não teria sido difícil para mim. Mas numa situação normal não estava praticamente nua nos braços do homem mais sensual que conhecia.

Tinha percebido mal o que ele queria.

Para confirmar, aclarei a garganta:

— Quando disseste que precisavas da minha resposta hoje... não estavas a pedir que tivéssemos relações sexuais?

O seu corpo agitou-se involuntariamente enquanto ria, esfregando o queixo contra o meu rosto.

— Então, achas que eu sou o tipo de pessoa que faria uma coisa dessas? Depois do que aconteceu a semana passada?

— Achei que era um requisito — balbuciei, sentindo as bochechas a aquecer.

— *Quanto* tempo passaste no bando do Marrok?

Ele sabia quanto tempo. Estava apenas a fazer com que me sentisse estúpida.

— O acasalamento não era um assunto do qual me costumavam falar — respondi-lhe defensivamente. — Só o Samuel...

Adam riu novamente, com uma das mãos sobre o meu ombro e a outra acariciando-me suavemente o rabo, o que me deveria ter provocado cócegas, mas não provocou.

— Aposto que nessa altura *ele* te disse toda a verdade, só a verdade, e nada mais do que a verdade.

Apertei-o com mais força — não sei como, as minhas mãos tinham pousado no fundo das suas costas.

— É provável que não. Portanto, a única coisa de que precisavas era a minha concordância?

Grunhiu.

— Não vai servir de muito em relação ao bando, não enquanto não for a sério. Mas com o Samuel fora de cena, achei que conseguirias decidir se estavas interessada ou não. Se não estivesses interessada, poderia

reorganizar-me. Se concordasses ser minha, poderia esperar por ti até o Inferno gelar.

As suas palavras soavam razoáveis, mas o seu odor dizia-me algo diferente. Dizia-me que o meu tom razoável lhe acalmara as preocupações e que a sua mente estava agora noutro sítio que não a nossa discussão.

Parecia-me justo. Estar tão próxima dele, sentir o seu calor contra o meu, sentir o seu batimento cardíaco acelerado por me desejar... Alguém me disse que saber que alguém nos deseja é o mais poderoso afrodisíaco. Isso certamente aplicava-se a mim.

— Como é evidente — disse ainda naquela voz curiosamente calma —, esperar é bem mais fácil em abstrato do que na realidade. Preciso que digas para me afastar, está bem?

— Hum hum — pronunciei. Havia nele uma limpeza que varria a sensação de Tim da minha pele de forma bem mais eficaz do que o duche. Mas apenas quando me tocava.

— Mercy.

Deslizei as mãos por dentro da cinta das suas calças de ganga e cravei-lhe levemente as unhas na pele.

Grunhiu mais qualquer coisa, mas nenhum de nós estava a ouvir. Virou a cabeça e inclinou-a. Esperava algo sério e recebi algo brincalhão quando me mordeu o lábio inferior. A rudeza dos seus dentes fez-me sentir um formigueiro nas pontas dos dedos e uma vibração que me passou pelos joelhos até aos dedos dos pés. Coisas poderosas, os dentes de Adam.

Contornei-lhe o corpo com as minhas mãos subitamente trémulas para agarrar o botão das suas calças de ganga, e Adam levantou a cabeça e deteve a minha mão com a dele.

Depois também eu ouvi.

— É um carro alemão — disse ele.

Suspirei, curvando-me contra ele.

— Sueco — corrigi. — Uma carrinha *Volvo*. Cinzenta.

Olhou-me com um ar de surpresa que rapidamente se transformou em compreensão.

— Conheces o carro.

Gemi e tentei esconder-me no seu ombro.

— Que diabo, que diabo. Foram os jornais.

— Quem é, Mercy?

A gravilha calou-se e a luz de faróis projetou-se contra a minha janela enquanto o carro metia para a rampa de entrada.

— A minha mãe — respondi. — O sentido de oportunidade dela é incrível. Eu devia ter percebido que ela ia ler sobre... sobre *aquilo* — não

queria nomear o que me acontecera, o que eu fizera a Tim, em voz alta. Pelo menos, não enquanto estava praticamente nua com Adam.

— Não lhe telefonaste.

Abanei a cabeça. Devia tê-lo feito; eu sabia. Mas tinha sido uma daquelas coisas que eu simplesmente não conseguia encarar.

Agora sorria.

— Vê lá se te vestes. Eu vou empatá-la enquanto te preparas para sair.

— É *impossível* eu algum dia me sentir preparada para isto — disse-lhe.

Pôs-se com ar sóbrio, colocou o seu rosto próximo do meu e repousou a testa em mim.

— Mercy, vai correr tudo bem.

Depois, saí, fechando a porta do meu quarto ao mesmo tempo que a campainha soava pela primeira vez. Soou duas vezes até Adam abrir a porta de acesso à rua, e ele não se deslocou de forma minimamente lenta.

Peguei em peças de roupa e tentei desesperadamente lembrar-me se tínhamos lavado a louça do jantar. Era a minha vez. Se fosse a vez de Samuel, não teria de me preocupar. Era uma estupidez. Eu sabia que ela pouco se importaria com a louça —, mas pensar nisso permitia-me fazer algo que não entrar em pânico.

Nunca sequer considerara a possibilidade de lhe telefonar. Talvez dali a dez anos me sentisse preparada.

Vesti as calças e permaneci descalça enquanto procurava freneticamente um sutiã.

— Ela sabe que você está aqui — explicou Adam no outro lado da porta, como se estivesse encostado a ela. — Ela vai sair do quarto não tarda nada.

— Não sei quem é que você se julga — a voz da minha mãe era grave e perigosa —, mas se não sair da minha frente imediatamente, pouca diferença vai fazer.

Adam era o lobisomem Alfa à frente do bando local. Era duro. Conseguia ser ruim quando era preciso — e não teria a menor hipótese contra a minha mãe.

— Sutiã, sutiã, sutiã — entoei enquanto retirava um do cesto da roupa suja e o colocava. Apertei-o tão depressa que não ficaria surpreendida se viesse a ficar com uma queimadura causada pelo atrito. — Camisola. Camisola — esquadrinhei as gavetas e encontrei e pus de parte duas camisolas. — Camisola limpa, camisola limpa.

— Mercy? — chamou Adam, soando um tudo-nada desesperado — quão bem conhecia aquela sensação.

— Mãe, deixa-o em paz! — disse. — Eu saio já.

Frustrada, pus-me a observar o quarto. Tinha de ter uma camisola

limpa algures. Ainda pouco tempo antes tinha uma vestida —, mas desaparecera enquanto procurava um sutiã. Finalmente, peguei numa camisola que nas costas tinha inscrito 1984: GOVERNO PARA TOTÓS. Estava limpa, ou pelo menos não fedia em demasia. A mancha de óleo no ombro parecia permanente.

Respirei fundo e abri a porta. Tive de contornar Adam, que estava encostado ao caixilho da porta.

— Ei, mãe — disse alegremente. — Estou a ver que já conhecestes o meu... — o meu quê? Parceiro? Não achava que isso fosse algo que a minha mãe precisasse de ouvir. — Estou a ver que conhecestes o Adam.

— Mercedes Athena Thompson — disparou a minha mãe. — És capaz de me explicar por que é que eu tive de ficar a saber o que te aconteceu através de um jornal?

Tinha evitado que os nossos olhares se cruzassem, mas no momento em que pronunciou os meus três nomes, não tive alternativa.

A minha mãe tem um metro e meio de altura. É apenas dezassete anos mais velha do que eu, o que significa que ainda não fez cinquenta e tem aparência de trinta. Ainda pode usar nos cintos originais as mesmas fivelas que consegui a competir nas *barrel races*¹. Normalmente é loira — tenho praticamente a certeza de que é a sua cor natural —, mas o tom muda a cada ano. Este ano era loiro arruivado. Os seus olhos são grandes e azuis e de aspeto inocente, o nariz é ligeiramente arrebitado e a boca carnuda e redonda.

Na presença de estranhos, por vezes faz o papel de loira burra, pestanejando repetidamente e falando numa voz aspirada que qualquer pessoa que visse filmes antigos reconheceria de *Quanto Mais Quente Melhor* ou *Paragem de Autocarro*. Que eu tenha conhecimento, a minha mãe nunca mudou um pneu no seu carro.

Se a raiva impetuosa na sua voz não fosse um disfarce para o seu olhar magoado, poderia ter-lhe respondido na mesma moeda. Em vez disso, encolhi os ombros.

— Não sei, mãe. Depois de ter acontecido... permaneci na forma de coiole durante uns dias — tive uma visão meio histérica na qual lhe telefonava e dizia: «*A propósito, mãe, adivinha o que me aconteceu hoje...*»

Olhou-me nos olhos e fui invadida pelo pensamento de que viu mais do que eu queria.

— Estás bem?

Comecei por dizer que sim, mas toda uma vida passada com criaturas

¹ Corrida a cavalo efetuada em rodeios que consiste em percorrer, no mais curto espaço de tempo, um trajeto triangular definido pelo posicionamento de três barris que têm de ser contornados. (*N. do T.*)

capazes de cheirar uma mentira provocara em mim um hábito de honestidade.

— De um modo geral — disse, cedendo. — O facto de ele estar morto ajuda — sentir o meu peito apertar era humilhante. Dera a mim mesma todo o tempo de autocomiseração que poderia permitir.

A minha mãe era capaz de amimar os seus filhos como o melhor dos pais, mas devia ter confiado mais nela. Sabia bem da importância de se ser independente. A sua mão direita estava fechada num punho com os nós brancos, mas quando falou, a sua voz soou animada.

— Está bem — replicou, como se tivéssemos falado de todos os assuntos sobre os quais iria fazer perguntas. Sabia que não era bem assim, mas também sabia que o faria mais tarde e em privado.

Desviou os seus angélicos olhos azuis na direção de Adam.

— Quem é você e o que faz na casa da minha filha às onze da noite?

— Não tenho dezasseis anos — intervim numa voz que mesmo eu consegui perceber que era carrancuda. — Se quiser, até posso ter aqui um homem a noite toda.

Tanto a minha mãe como Adam me ignoraram.

Adam permanecera encostado ao caixilho da porta de acesso ao meu quarto, com uma atitude um pouco mais descontraída do que o habitual. Ocorreu-me que estaria a tentar passar à minha mãe a impressão de que aqui estava em casa: de que era alguém que tinha autoridade para impedi-la de entrar no meu quarto. Ergueu uma sobrancelha e não revelou o menor vestígio do pânico que lhe escutara na voz anteriormente.

— Chamo-me Adam Hauptman. Vivo do outro lado da vedação tra-seira da Mercy.

Franziu-lhe o sobrolho.

— O Alfa? O homem divorciado que tem uma filha adolescente?

Adam dirigiu-lhe um dos seus sorrisos repentinos, e percebi que a minha mãe tinha feito mais uma conquista: é muito gira quando franze o sobrolho, e Adam não conhecia muitas pessoas ousadas a ponto de lhe fazerem cara feia. Tive uma revelação súbita. Vinha cometendo um erro tático nos últimos anos se de facto queria que ele parasse de se fazer a mim. Devia ter-lhe sorrido tola e piscado os olhos repetidamente. Obviamente, uma mulher a rosar-lhe era algo do seu agrado. Estava demasiado ocupado a olhar o sobrolho franzido da minha mãe para reparar no meu.

— Isso mesmo, minha senhora — Adam desencostou-se da porta e deu dois passos até à sala. — É um prazer conhecê-la finalmente, Margi. A Mercy fala muito de si.

Não sabia o que a minha mãe teria respondido àquilo, sem dúvida algo educado. Porém, eis que, com um estalido, um som como o de ovos a

partir num chão de cimento, algo surgiu entre a minha mãe e Adam, cerca de trinta centímetros acima do tapete. Era uma coisa de dimensão humana, preta e estaladiça. Caiu no chão, tresandando a carvão, sangue velho e cadáveres apodrecidos.

Fitei a coisa durante demasiado tempo, com os meus olhos incapazes de detetar um padrão consistente com o que o meu olfato me indicava. Nem o facto de saber que apenas um número reduzido de coisas podia simplesmente aparecer na minha sala de estar sem usar a porta me permitiu reconhecer o que era. Foi a *T-shirt* verde, rasgada e manchada, com os quartos traseiros de um *grand danois* familiar ainda visíveis, que me forçou a admitir que esta coisa preta e encolhida era Stefan.

Ajoelhei-me ao seu lado e estiquei a mão, retirando-a imediatamente, receosa de lhe causar ainda mais danos. Estava obviamente morto, mas considerando que era um vampiro, isso não era algo tão irresolúvel como poderia ser.

— Stefan? — disse.

Não fui a única a saltar quando me agarrou o pulso. A pele na sua mão estava seca e crepitava desconcertantemente contra a minha pele.

Stefan era meu amigo desde o primeiro dia em que me mudei para Tri-Cidades. Era encantador, divertido e generoso — se se considerar quão tolerante posso ter sido em relação às pessoas inocentes que matou para me tentar proteger.

A única coisa que podia fazer era não me afastar e livrar-me da sensação da sua pele quebradiça no meu braço. Uf. Uf. Uf. E tinha a horrível impressão de que o facto de me estar a agarrar lhe estava a causar dor, que a qualquer momento a sua pele ia estalar e cair.

Os seus olhos abriram-se, e as íris eram carmesim em vez de castanhas. A boca abriu-se e fechou duas vezes sem que qualquer som fosse produzido. Em seguida, a mão dele apertou a minha a ponto de eu não me poder libertar mesmo que quisesse. Inalou de modo que conseguisse falar, mas não conseguia fazê-lo direito, e ouvi ar sair-lhe das costelas num silvo, onde não era de esperar que pudesse sair.

— Ela sabe — a sua voz não se parecia nada com a habitual. Era áspera e seca. Enquanto puxava lentamente a minha mão na direção da sua face, com o ar que lhe restava daquela inalação, disse: — Foge — e com estas palavras, a pessoa que era minha amiga desapareceu sob a feroz ânsia do seu rosto.

Olhando para os seus olhos insanos, entendi que deveria seguir o seu conselho — lamentavelmente, não ia conseguir libertar-me para tal. Movia-se lentamente, mas tinha-me presa, e eu não era uma mulher-lobo ou uma vampira com uma força sobrenatural para me soltar.

Ouvi o distinto ruído seco de uma bala a ser introduzida numa câmara, e num soslaio vi a minha mãe com uma *Glock* que metia respeito apontada a Stefan. Era cor-de-rosa e preta — da minha mãe só se podia esperar uma arma à *Barbie*, gira, mas mortal.

— Está tudo bem — disse-lhe bruscamente. A minha mãe não hesitaria em disparar se achasse que ele me ia fazer mal. Numa situação normal, não me preocuparia com o facto de alguém disparar contra Stefan, considerando que os vampiros não são particularmente vulneráveis a armas, mas ele estava maltratado. — Ele está do nosso lado — era difícil soar convincente estando ele a puxar-me, mas dei o meu melhor.

Adam agarrou o pulso de Stefan e segurou-o, portanto em vez de Stefan me puxar para ele, o vampiro começou a levantar lentamente a cabeça do chão. À medida que se aproximou do meu braço, Stefan abriu a boca e pedaços de pele queimada caíram no tapete castanho-claro. As suas presas eram brancas e tinham um aspeto letal, além de estarem muito maiores do que eu tinha memória.

Recuperei a respiração, mas não me lancei para trás, gritando chorosamente «Tirem-mo daqui! Tirem-mo daqui!» — cinco pontos para o País de Mercy. Em vez disso, inclinei-me sobre Stefan e encostei a cabeça ao ombro de Adam. O gesto punha a minha vida em risco, mas o odor de lobisomem e Adam ajudavam a disfarçar o cheiro pestilento do que fora feito a Stefan. Se Stefan precisasse de sangue para sobreviver, doá-lo-ia.

— Está tudo bem, Adam — disse. — Larga-o.

— Não baixe a arma — indicou Adam à minha mãe. — Mercy, se isto não funcionar, telefona para a minha casa e diz ao Darryl para reunir quem quer que lá esteja e vir cá.

E, num ato de bravura, atributo que lhe era característico, Adam colocou o pulso em frente ao rosto de Stefan. O vampiro não pareceu ter dado por isso, continuando a erguer-se agarrado ao meu braço. Não estava a respirar, portanto não conseguia sentir o cheiro de Adam, e, de qualquer modo, não creio que estivesse particularmente concentrado.

Devia ter tentado impedir Adam — tinha alimentado Stefan anteriormente sem quaisquer efeitos negativos de que tivesse conhecimento, e estava *bastante* segura de que Stefan se preocupava com o facto de eu viver ou morrer. Já em relação a Adam, não sabia muito bem qual era o seu comportamento Mas lembrei-me de Stefan me dizer que «em princípio» não haveria nenhum problema porque só acontecera uma vez, e eu conhecera alguns dos elementos do rebanho de Stefan — as pessoas que lhe serviam de pequeno-almoço, almoço e jantar. Todas elas lhe eram completamente dedicadas. Não me interpretem mal; para vampiro, é um tipo impecável — mas, de certo modo, duvidava que aquelas pessoas, na sua maioria

mulheres, conseguissem viver dedicadas a um homem sem que houvesse qualquer espécie de mesmerismo vampírico envolvido. E eu já tinha tido a minha dose de compulsão mágica para o ano inteiro.

De qualquer modo, qualquer protesto que fizesse a Adam seria um exercício vão. Naquele momento, sentia-se especialmente protetor em relação a mim — e a única coisa que iria provocar seria uma excitação de nervos: os dele, os meus e os da minha mãe.

Adam pressionou o pulso contra a boca de Stefan, e o vampiro deteve o crescente encurtamento da distância entre o meu braço e as suas presas. Por momentos, pareceu confuso — depois inalou ar pelo nariz.

Os dentes de Stefan afundaram-se no pulso de Adam, a sua mão livre foi levantada para agarrar o braço de Adam e os olhos fecharam-se — tudo tão rápido que parecia a sequência de desenhos animados toscamente esboçados.

Adam inspirou de forma audível, mas não consegui perceber se era de dor ou prazer. Depois de Stefan se ter alimentado de mim, ficara em muito mau estado. Não me lembrava muito bem do episódio.

Era algo estranhamente íntimo, Stefan agarrado a mim enquanto bebia do pulso de Adam, e Adam inclinando-se cada vez mais na minha direção enquanto Stefan se alimentava. Íntimo com assistência. Virei a cabeça e deparei com a minha mãe ainda de arma em punho, firmemente segura, apontada à cabeça de Stefan. O seu rosto tão calmo como se tivesse visto corpos queimados surgir do nada, ressuscitando em seguida para cravar as presas em quem quer que estivesse mais próximo deles o tempo todo, embora soubesse que isso não era verdade. Não tinha a certeza se ela alguma vez vira um dos lobisomens na sua forma lupina.

— Mãe — disse-lhe —, o vampiro é o Stefan. É um amigo meu.

— Achas que eu devia baixar a arma? Tens a certeza? Ele não parece ser teu amigo.

Olhei para Stefan, que estava com melhor aspeto, embora ainda não fosse capaz de reconhecê-lo sem a ajuda do meu olfato.

— Para dizer a verdade, nem sequer sei muito bem de que serviria. As balas, se forem de prata, podem ter efeito nos lobisomens, mas acho que nenhuma bala causa grandes danos aos vampiros.

Enfiou, irritada, a *Glock* no coldre preso ao interior da parte de trás das calças de ganga.

— Então, o que é que se faz aos vampiros?

Alguém bateu à porta. Não tinha ouvido ninguém a estacionar, mas estivera um pouco distraída.

— Em primeiro lugar, não os deixe entrar em sua casa — sugeriu Adam.

A minha mãe, que se encaminhava para a porta, deteve o passo.

— Existe a probabilidade de ser um vampiro?

— É melhor deixares-me ser eu a abrir — disse-lhe. Meneei o braço e Stefan largou-me, agarrando-se a Adam com mais firmeza. — Estás bem, Adam?

— Está demasiado fraco para se alimentar depressa — comentou Adam. — Ainda me aguento mais algum tempo. Mas se me tirares o telemóvel e puseres na opção de marcação rápida, posso telefonar a mais alguns lobisomens. Duvido de que o meu sangue seja suficiente.

Com a minha mãe a observar, portei-me bem ao tirar-lhe o telemóvel da pequena bolsa presa ao cinto. Em vez de gastar tempo a percorrer os contactos, simplesmente premi o botão quando vi o número da sua casa e entreguei-lhe o telefone já a chamar. Quem quer que estivesse no exterior, impacientava-se cada vez mais.

Compus a camisola e relanceei os olhos a mim mesma para me certificar de que não havia nada que dissesse: «Ei, tenho um vampiro dentro de casa.»

Ia ficar com uma nódoa negra no antebraço, mas ainda não era muito visível. Passei pela minha mãe e abri a porta cerca de quinze centímetros.

A mulher postada no alpendre não me parecia familiar. Tinha aproximadamente a minha altura e idade. O seu cabelo escuro fora realçado com um tom mais claro (ou o seu cabelo castanho-claro tinha madeixas de uma cor mais escura). Usava tanta base que conseguia sentir o seu odor sobre o do perfume que um nariz humano possivelmente acharia suave e atrativo. O seu penteado era imaculado, como a pelagem de um cão de raça pura pronto a ser exibido — ou o de uma prostituta muito cara.

Não era o tipo de pessoa que se esperava encontrar à noite no alpendre de uma velha casa móvel nos confins da parte oriental de Washington.

— Mercy?

Se não tivesse falado, jamais a teria reconhecido porque o meu nariz estava empestado de perfume e ela não se parecia minimamente com a rapariga que estudara comigo na faculdade.

— Amber?

Amber era a melhor amiga da minha colega de quarto na faculdade, Charla. Estudara para ser veterinária, mas tinha ouvido dizer que abandonara os estudos na escola de veterinária no primeiro ano. Não ouvira notícias dela desde que me tinha licenciado.

Na última ocasião em que vira Amber, usava crista e tinha um brinco no nariz (que nessa altura era maior), além de um pequeno colibri tatuado no canto do olho. Ela e Charla tinham sido as melhores amigas na escola secundária. Embora tivesse sido Charla a decidir que não deviam partilhar

um quarto, Amber sempre me culpara por isso. Éramos conhecidas, não propriamente amigas.

Amber riu-se, com certeza do ar de espanto no meu rosto. Havia algo de quebradiço no som, não que eu estivesse em posição de ser esquisita. Eu também estava mais rígida no modo. Atrás de mim, estava um vampiro a alimentar-se de um lobisomem; perguntei-me o que estaria *ela* a esconder.

— Já lá vão uns tempos — disse Amber após um breve e constrangedor silêncio.

Juntei-me a ela no alpendre e fechei a porta atrás de mim, tentando não passar a ideia de que estava a impedir de entrar.

— O que te traz por cá?

Cruzou os braços no peito e virou-se para cravar os olhos no meu terreno descuidado onde um *VW Rabbit* enferrujado repousava sobre três rodas. Do sítio onde estávamos, os grafitis, a porta em falta e o vidro estalado não eram visíveis, mas ainda assim tinha um aspeto lastimável. O velho pedaço de lata era uma brincadeira entre mim e Adam, e não ia pedir desculpa por ele.

— Li a teu respeito no jornal — disse ela.

— Vives em Tri-Cidades?

Abanou a cabeça.

— Em Spokane. Também deu na CNN, não sabias? Os seres feéricos, os lobisomens, a morte... Como é que eles podiam resistir? — por momentos, um toque de humor caracterizou-lhe a voz, embora o seu rosto permanecesse desconcertantemente inexpressivo.

Que maravilha. O mundo inteiro sabia que eu tinha sido violada. Sim, também eu devia achar isso engraçado — se fosse a Lucrecia Bórgia. Havia inúmeras razões pelas quais fizera qualquer esforço para manter o contacto com Amber.

Ela também não tinha conduzido desde Spokane para descobrir o meu paradeiro passados dez anos e contar-me que tinha lido sobre o ataque.

— Portanto, leste sobre mim e decidiste que talvez fosse divertido dizeres-me que a história sobre como matei o homem que me violou já tinha corrido o país inteiro? Conduziste duzentos e quarenta quilómetros para isso?

— É óbvio que não — voltou-se para me encarar, e a desconhecida inconveniente foi substituída pela profissional elegante, que me era ainda mais desconhecida. — Ouve. Lembras-te quando fizemos aquela viagem de um dia a Portland para vermos aquela peça? Depois, fomos ao bar, e tu falaste-nos do fantasma que estava na casa de banho das mulheres.

— Eu estava bêbeda — disse-lhe, o que era bem verdade. — Acho que também te disse que tinha sido criada por lobisomens.

— Sim — replicou com uma súbita atenção empenhada. — Na altura, pensei que estavas apenas a inventar histórias, mas agora todos nós sabemos que os lobisomens são reais, tal como os seres feéricos. E tu andas com um.

Isso teria surgido na notícia do jornal, pensei. Oba oba. Tempos houve em que eu tentava manter-me longe do centro das atenções porque era mais seguro. Ainda era mais seguro, mas não tinha sido particularmente bem sucedida na tentativa de levar uma vida secreta durante o último ano.

Indiferente ao meu diálogo interior, Amber continuou a falar.

— Portanto, pensei que se agora andas com um, provavelmente na altura estavas a dizer a verdade. E se disseste a verdade em relação aos lobisomens, provavelmente também estavas a dizer a verdade em relação a veres fantasmas.

Qualquer outra pessoa teria esquecido aquilo, mas Amber tinha uma cabeça incrível. Memorizava tudo. Foi depois daquela viagem que deixei de beber álcool. As pessoas que conhecem segredos de outras pessoas não se podem dar ao luxo de fazer coisas que prejudiquem a sua capacidade de controlar as próprias bocas.

— A minha casa está assombrada — afirmou.

Do canto do olho, vi algo a mexer. Dei um passo na direção de Amber e virei-me um tudo-nada. Continuava sem conseguir ver nada lá fora, mas sem o vento a soprar contra mim e o perfume de Amber a afetar-me o olfato, consegui sentir-lhe o cheiro: um vampiro.

— E queres que *eu* faça alguma coisa em relação a isso? — perguntei. — Precisas é de chamar um padre — Amber era católica.

— Ninguém acredita em mim — replicou rigidamente. — O meu marido acha que eu estou louca — os seus olhos foram iluminados pela luz do alpendre, apenas por instantes, e consegui perceber que as suas pupilas estavam dilatadas. Perguntei-me se seria apenas da escuridão da noite ou se ela estaria sob o efeito de alguma coisa.

Começa a fazer-me sentir inquieta, mas estava segura de que era apenas pela estranheza de ver Amber, a rainha do não-convencional, vestida como a amante de um homem rico. Havia nela algo de débil e indefeso que me fez pensar na palavra *presa*, ao passo que a Amber que eu conhecera teria pegado num taco de basebol para fazer frente a quem quer que a chateasse. Ela não teria sentido medo de um fantasma.

Como é evidente, a minha inquietação poderia ter sido causada pelo vampiro escondido na sombra ou pelo que estava em minha casa.

— Ouve — disse-lhe. Stefan e aquilo que lhe tinha sido feito era mais

importante para mim do que o que acontecera a Amber, ou do que ela pudesse querer de mim. — Neste momento, não posso sair, estou acompanhada. Porque é que não me dás o teu número de telefone e eu telefono-te assim que as coisas acalmarem?

Abriu a bolsa e entregou-me um cartão. O conteúdo estava impresso sobre papel de algodão caro, mas era apenas o seu primeiro nome e número de telefone.

— Obrigada — pareceu aliviada, com a tensão a dissipar-se-lhe dos ombros. Dirigiu-me um breve sorriso. — Lamento teres sido atacada, mas não me surpreende que te tenhas vingado. Sempre foste muito boa nisso — sem esperar por uma resposta, desceu os degraus e entrou no carro, um *Miata* descapotável dos novos, com a capota de lona aberta. Abandonou o caminho de entrada em marcha-atrás sem voltar a olhar para mim e acelerou por entre a noite.

Desejei que não estivesse a usar perfume. Estava preocupada com alguma coisa — sempre fora péssima a mentir. Mas o *timing* tinha sido demasiado conveniente: Stefan chega, diz-me para fugir, e Amber chega com um lugar para eu fugir.

Eu sabia de que é que Stefan me dissera para fugir, e não era dele. «Ela sabe», afirmara.

«Ela» era Marsilia, a Senhora dos vampiros de Tri-Cidades. Enviara-me à caça de um vampiro que tinha andado numa pândega assassina que pusera em risco o seu ninho. Tinha chegado à conclusão de que era a melhor maneira de encontrá-lo uma vez que eu consigo detetar fantasmas que outras pessoas não veem, e os antros de vampiros tendem a atrair fantasmas.

Não lhe passara pela cabeça que eu na verdade seria capaz de matá-lo. Quando o fiz, ficou bastante descontente. O vampiro que eu matara era especial, mais poderoso do que os restantes porque era dominado pelo demónio. O facto de o demónio o ter enlouquecido e de ter matado humanos a torto e a direito não a incomodara, excetuando a possibilidade de exposição dos vampiros ao mundo humano. Tinha ficado descontrolado quando se tornara mais poderoso do que o seu criador, mas Marsilia acreditava que seria capaz de resolver isso, que poderia tê-lo controlado. Usou-me para encontrá-lo — ela tinha a certeza de que ele me iria matar.

E teria tido razão se eu não tivesse amigos.

Desde que me enviara à procura dele, não tinha como retaliar sem correr o risco de perder o controlo sobre o seu ninho. Os vampiros levam esse tipo de coisas muito a sério.

Estaria a salvo se não fosse o segundo vampiro.

Andre fora o braço esquerdo de Marsilia ao passo que Stefan era o direito. Ele também tinha sido responsável por criar o vampiro possuído pelo demónio que matou mais pessoas do que eu poderia contar com os dedos de ambas as mãos. E Andre e Marsilia tinham a intenção de criar mais. Um tinha sido mais do que suficiente para mim. Portanto, matei Andre, sabendo que isso significava a minha morte.

No entanto, Stefan escondera o meu crime. Escondera-o com a morte de duas pessoas inocentes cujos únicos crimes consistiam em ser vítimas de Andre. As suas mortes tinham-me dado a ganhar dois meses.

Marsilia sabia. Jamais teria ferido Stefan tão gravemente por outro motivo.

Torturara-o e deixara-o à fome, libertando-o em seguida para que viesse ao meu encontro. Olhei para baixo na direção das marcas vermelhas que Stefan deixara nos meus braços — se ele me tivesse matado, nenhum tipo de culpa recairia sobre ela.

Escutei um barulho e olhei para cima. Darryl e Peter estavam a passar ao lado da chapa maltratada do *Rabbit*.

Darryl era alto, atlético, e o número dois de Adam. Herdara a pele escura do pai africano e os olhos da mãe chinesa. Os seus traços perfeitos eram provenientes da feliz combinação de genes muito diferentes, mas a graciosidade da sua passada tinha origem no acidente que o transformara num lobisomem. Gostava de roupas de qualidade e a camisa de algodão puro que trazia vestida provavelmente custava mais do que aquilo que eu ganhava numa semana.

Não sabia que idade tinha ele, mas tinha praticamente a certeza de que não era muito mais velho do que aparentava. Existe algo nos lobisomens mais velhos, um ar de quem não pertence a esta era dos automóveis, dos telemóveis e das televisões que Darryl não tinha.

Peter tinha idade suficiente para ter integrado a cavalaria, mas aqui e agora trabalhava como canalizador. Era bom no que fazia, e tinha meia dúzia de pessoas (humanas) na sua folha de pagamentos. Porém, caminhava à direita e atrás de Darryl, porque Darryl era muito dominante e Peter era um dos poucos submissos no bando de Adam.

Darryl parou ao pé do alpendre. A maior parte do tempo não gostava particularmente de mim. Chegara finalmente à conclusão de que era snobismo — ele era um lobo e eu uma coiole. Ele era um doutorado a trabalhar numa equipa de especialistas altamente remunerada, e eu era uma mecânica com sujidade alojada debaixo das unhas.

E o pior de tudo era que, sendo eu a parceira de Adam, ele tinha de obedecer às minhas ordens. Por vezes, o chauvinismo que permeia as regras segundo as quais os lobisomens operam funciona ao contrário. Por

muito submissa que seja a parceira do Alfa, acima das ordens daquela só as deste.

Ao ver que não dizia nada, limitei-me a abrir a porta e conduzir os dois lobos de Adam até ao interior da minha casa.

Stefan não estava recetivo a mudar de doador, portanto Peter e Darryl ajoelharam-se, um de cada lado, e começaram a forçá-lo a libertar-se de Adam. Quando me aproximei para ajudar, Adam rosnou-me.

Se não tivesse rosnado, provavelmente teria deixado os lobos tratar do assunto. Afinal de contas, todos eles têm uma incrível superforça de lobisomem. Mas se Adam e eu íamos ter uma relação — algo que já me estava a deixar nervosa —, ia ser com base num pressuposto de igualdade. Não podia recuar quando Adam rosnou.

Além disso, senti desprezo pela parte covarde de mim que se retraiu perante a sua raiva. Mesmo tendo eu a certeza de que tinha sido a parte inteligente.

Peter e Darryl estavam ocupados com as mãos de Stefan, portanto concentrei-me na sua cabeça. Coloquei os dedos num dos cantos da sua boca, na esperança de que os vampiros tivessem a mesma reação aos pontos de pressão que todos nós. Mas não precisei de fazer qualquer tipo de pressão, porque assim que os meus dedos tocaram na sua boca, estremeceu e libertou Adam, com os braços a ficarem frouxos ao mesmo tempo que soltava as presas.

— Não — disse Stefan enquanto eu retirava os dedos da sua boca. — Não — saiu na forma de um sussurro e dissipou-se sinistramente quando ficou sem ar.

Mexeu sua cabeça até a repousar contra o meu ombro, de olhos fechados. Agora, o seu rosto quase se parecia com o seu rosto original, alargando e sarando. As partes quebradas da sua pele, das mãos e dos lábios tinham o aspeto de ferimentos. O facto de ferimentos gotejantes serem um sinal de melhoria dizia muito sobre quão mal estivera.

Se o seu corpo não se tivesse agitado contra mim num sacão, como se estivesse a ter um ataque epiléptico, teria ficado mais contente.

— Sabes o que é que se passa com ele? — perguntei a Adam impotentemente.

— Eu sei — interveio Peter. Desembainhou descontraidamente um canivete enorme que trazia ao cinto e fez um pequeno corte no pulso.

Afastou-me de debaixo de Stefan e rodou-o até que Stefan estivesse deitado com a cabeça no colo de Peter, firmemente segura pela mão não ferida do lobisomem. Peter colocou o pulso sangrento diante do vampiro, que cerrou os lábios e desviou a cabeça.

Adam, que com a mão envolvera o próprio pulso para estancar o sangue, inclinou-se para a frente.

— Stefan. Está tudo bem. Não é a Mercy. Não é a Mercy.

Os seus olhos vermelhos abriram-se e o vampiro produziu um som que nunca antes ouvira... e desejei poder continuar a dizer o mesmo. Eriçou todos os pelos da minha nuca, agudo e frágil como o assobio de um cão, mas de certo modo mais áspero. Atacou e Peter agitou-se como se sacudido, cerrando os dentes e sibilando.

Não reparei na ausência da minha mãe, mas ela deve ter acontecido num dado momento porque tinha o enorme estojo de primeiros socorros de Samuel, que estava na casa de banho principal, aberto no sofá. Ajoelhou-se ao lado de Adam, mas este pôs-se de pé.

Os lobisomens Alfa não admitem nenhuma dor em público, e raramente em privado. O seu pulso poderia parecer seriamente maltratado, mas jamais permitiria que a minha mãe fizesse o que quer que fosse em relação a isso. Também eu me levantei.

— Mostra — disse-lhe, antes que pudesse dizer alguma coisa que a ofendesse ou vice-versa. — Deixa-me ver.

Puxei-lhe o braço com força até conseguir ver os ferimentos.

— Ele vai ficar bem — disse à minha mãe com satisfação. — Já formou crosta. Daqui a meia-hora só se vai ver algumas marcas vermelhas.

Isso era bom.

A minha mãe ergueu a sobrancelha e murmurou:

— E de pensar que andava sempre preocupada por não teres amigos. Afinal devia dar-me como abençoada.

Olhei-a fixamente e ela sorriu apesar da preocupação no olhar.

— Vampiros, Mercy? Pensava que eles eram uma invenção.

Sempre fora boa a fazer-me sentir culpada, coisa que Bran nunca conseguira.

— Não te podia contar — expliquei-lhe. — Não gostam que os humanos saibam da existência deles. Se te tivesse contado, ficarias em perigo

— estreitou-me os olhos. — Além disso, mãe, na verdade nunca vi nenhum em Portland — e tivera todo o cuidado para não olhar quando lhes sentia o cheiro. Os vampiros gostam de Portland — montes de dias chuvosos.

— Eles têm toda a capacidade de simplesmente aparecer onde quiserem?

Abanei a cabeça, e em seguida reconsiderarei.

— Eu só conheço dois, e Stefan é um deles.

Adam observava Stefan enquanto este se alimentava; parecia preocupado. Não me tinha apercebido de que ele e Stefan eram mais do que conhecidos acidentais.

— Ele vai ficar bem? — perguntou a minha mãe.

Adam estava pálido, mas a curar-se sem problemas. Se o lobo fosse outro, demoraria mais tempo, mas Adam era um Alfa e o seu bando dava-lhe mais poder do que aquele que os outros lobos possuíam. Mas se Stefan roesse Peter da mesma forma que tinha roído Adam, Peter precisaria de bastante mais tempo para se curar.

A minha mãe olhou para mim e no seu rosto desenharam-se duas covinhas.

— Eu estava a falar do vampiro. Ele está mal, não está?

Vinha tentando não pensar no estado de Stefan e no porquê de ser tão mau — bem como no facto de a culpa ser minha.

— Não sei, mãe — inclinei-me contra ela, apenas um pouco, antes de me endireitar sobre as minhas duas pernas. — Não sei muito sobre vampiros. São difíceis de matar, mas nunca vi nenhum neste estado que tivesse sobrevivido — Daniel, o...? O quê de Stefan? Amigo não seria o termo mais indicado. Talvez fosse melhor ficar-me por Daniel. Daniel tinha deixado de se alimentar porque acreditava que enlouquecera e matara uma série de pessoas. O seu aspeto era muito mau, mas não tão mau como o de Stefan.

— Também gostas dele.

Não pareceu surpreendida, mas teria ficado se soubesse tanto como eu sobre vampiros.

Sabia que Stefan mantinha uma série de pessoas como prisioneiros virtuais dos quais se podia alimentar — embora nenhuma delas parecesse importar-se. Perdera a minha visão cor-de-rosa quando ele matara duas pessoas indefesas, pessoas que eu tinha *salvado*, com o propósito de me proteger. Poderia ter sido o enigmático vampiro de seu nome Wulfe a torcer-lhes o pescoço, mas Stefan fora o orquestrador daquela conspiraçãozinha macabra.

Mas doía vê-lo assim.

— Sim — respondi à minha mãe.

— Já podes soltá-lo — disse Adam a Darryl. — Ele está a alimentar-se. Darryl deixou cair o braço de Stefan e recuou, como se a temer uma contaminação. Não havia muito espaço livre na minha sala de estar, mas ele bateu de costas contra o balcão que separava a divisão maior da cozinha e fez uma careta. Adam dirigiu-lhe um olhar atento antes de concentrar a atenção no outro lobo.

— Estás bem, Peter? — perguntou Adam.

Olhei para o lobisomem e reparei que na sua testa começava a acumular-se suor e que fechara os olhos e os desviara do vampiro, esparramado sobre o seu colo e agarrando-lhe o braço. A julgar pela diferença entre a sua reação e a de Adam, talvez tivesse sido melhor encontrar um lobo mais dominante para alimentar Stefan.

Peter não respondeu, e Adam pôs-se atrás dele de modo que colocasse uma mão na pele do seu pescoço. Consegui perceber quase imediatamente o impacto daquele toque enquanto Peter relaxava encostado ao seu Alfa com um suspiro de alívio.

— Desculpa — disse Adam. — Se houvesse outra pessoa... O Ben deve chegar daqui a nada.

Havia Darryl, que estava de olhos fitos nos seus sapatos. O comentário de Adam não fora diretamente dirigido a Darryl, mas este ficou como se tivesse sido esbofeteado.

Peter abanou a cabeça.

— Não há problema. Mas devo confessar que houve ali um período em que foi mau. Achava que a história de os vampiros se conseguirem apoderar da mente de uma pessoa não passava de um mito.

Esse era um dos problemas com os vampiros. À semelhança do que acontecia em relação aos seres feéricos, havia tanta informação errada a circular que era difícil perceber a verdade dos factos.

— Ele não está em si — dei por mim a dizer. — Ele não ia fazer isso de propósito — não tinha a certeza absoluta de que isso fosse verdade, mas soava bem. Uma ocasião, apoderara-se de mim. Tudo tinha acabado bem, mas preferia que não voltasse a acontecer.

A minha mãe olhou para mim.

— Tens sumo de laranja ou qualquer outra coisa com açúcar para os doadores de sangue?

Devia ter pensado nisso. Pulei sobre as pernas de Stefan de forma que pudesse ir à cozinha procurar. Depois de o meu companheiro de casa me ter declarado completamente conservadora nas escolhas alimentares, passou a ser o responsável pelas compras. Não fazia ideia do que tinha enfiado no frigorífico.

Encontrei uma garrafa meio cheia de sumo de laranja com baixo teor

de polpa e enchi dois copos. Dei o primeiro a Adam e segurei o segundo à frente de Peter.

— Precisas de ajuda?

Peter sorriu ligeiramente, abanou a cabeça e pegou no copo, esvaziando-o rapidamente e devolvendo-mo em seguida.

— Mais?

— Agora não — disse. — Talvez no fim.

A minha mãe e eu sentámo-nos no sofá, Adam ocupou uma cadeira e Darryl permaneceu onde estava, sem olhar para o vampiro.

Alguém bateu à porta de forma vigorosa e Darryl disse:

— É o Ben.

Não fez qualquer movimento para lá ir, mas de qualquer modo a porta abriu-se e Ben enfiou a cabeça no interior. O seu cabelo loiro parecia quase branco, iluminado pela luz do alpendre. Lançou um olhar de soslaio a Stefan e, com o seu fantástico sotaque britânico, disse:

— C'um catano. Ele está mesmo mal.

Porém, a sua atenção concentrava-se por inteiro na minha mãe.

— Ela é casada — avisei-o. — E se lhe chamares algum nome grosseiro, ela dá-te um tiro com a sua bela arma cor-de-rosa e eu a seguir cuspo-te no túmulo.

Considerou-me por momentos e começou a abrir a boca.

Adam disse:

— Ben. Apresento-te a mãe da Mercy, Margi.

Ben empalideceu, fechou a boca e abriu-a novamente. Mas nada saiu. Achei que Ben não estava acostumado a conhecer mães.

— Eu sei — suspirei. — Ela parece a minha irmã mais nova e mais bonita. Mãe, este é o Ben. O Ben é um lobisomem de Inglaterra e tem por hábito usar linguagem obscena quando o Adam não está por perto para o manter debaixo de olho. Salvou a minha vida duas vezes. Encostado à parede está o Darryl, lobisomem, génio, doutorado e número dois do Adam. O Peter, que é também lobisomem, é o homem simpático que está a alimentar o Stefan.

E depois disso, o embaraço instalou-se. Darryl não falava. Ben, após mais um olhar perplexo dirigido à minha mãe, manteve-se de cabeça virada para baixo e boca fechada. Peter estava obviamente distraído com o vampiro que dele se alimentava. Adam fitava Stefan com um semblante preocupado.

Também ele percebera o significado das primeiras palavras de Stefan. Porém, não podia falar comigo sobre isso diante da minha mãe sem que eu

tomasse a iniciativa de fazê-lo. E eu não ia permitir que ela soubesse que Marsília e os seus vampiros andavam atrás de mim. A menos que me visse obrigada a isso.

A minha mãe queria fazer-me perguntas sobre... sobre o incidente da semana anterior. Sobre Tim e como morrera. No entanto, não me iria colocar nenhuma pergunta enquanto não se fossem *todos* embora.

Eu? Eu de bom grado não falaria de nada disso. Perguntei-me durante quanto tempo conseguiria manter toda a gente junta, sendo o embaraço preferível ao pânico violento que uma conversa com Adam ou com a minha mãe iria causar.

— Estou exausto — disse Peter.

Stefan mostrou-se novamente descontente por mudar de doador. Mas ter um lobo adicional funcionou e, com apenas danos menores na minha mesa, pouco tempo depois estava a alimentar-se de Ben. No entanto, passados breves minutos, Stefan pôs-se frouxo e a sua boca desprendeceu-se de Ben.

— Está morto? — perguntou Peter, dando um gole no seu segundo copo de sumo de laranja.

— Ele — perguntou Ben, retirando o pulso. — Está morto há anos.

Peter grunhiu.

— Tu percebes o que eu quero dizer.

Na verdade, era difícil saber. Não estava a respirar, mas os vampiros não respiravam, a não ser quando precisavam de falar ou passar por humanos. O seu coração não estava a bater, mas também isso não significava grande coisa.

— Vamos levá-lo para a minha casa — interveio Adam. — A... — relanceou os olhos à minha mãe. — A minha cave tem um compartimento sem janelas, onde ele estará mais seguro — referia-se à jaula onde prendiam lobisomens quando estes tinham problemas de autocontrolo. Franziu o sobrolho. — Não que isso vá impedir *quem quer* que o tenha despejado no meio da tua sala de estar, Mercy — sabia perfeitamente *quem* tinha sido.

Marsília, pensei, embora talvez tivesse sido o próprio Stefan. Ou talvez outro vampiro qualquer. Quem me explicara que Marsília e Stefan eram os únicos capazes de se teletransportar tinha sido Andre, o que eu matara. Era difícil acreditar plenamente na sua informação.

— Serei cuidadosa — disse a Adam. — Mas também tu tens de ser cuidadoso. Há pouco, quando estava lá fora a falar com a Amber, apercebi-me de um vampiro a vigiar as traseiras da casa.

— Quem é a Amber? — a pergunta de Adam foi apenas um nadinha mais rápida do que a da minha mãe. — Amber? A Amber amiga da Charla na faculdade?

Fiz que sim com a cabeça à minha mãe.

— Ela leu sobre... Aparentemente fui notícia nacional. Ela decidiu que devia vir à minha procura para eu ir ver a casa dela, que está assombrada.

— É mesmo típico da Amber — afirmou a minha mãe. Char e Amber tinham passados vários fins de semana na casa dos meus pais, em Portland, na altura em que eu andava na faculdade. — Sempre foi uma egocêntrica, e não creio que isso fosse mudar. No entanto, porque é que ela haveria de achar que tu a podias ajudar na questão da casa assombrada?

Nunca contara à minha mãe que via fantasmas. Na verdade, até há pouco tempo não achava que fosse uma coisa invulgar. Quer dizer, as pessoas passam a vida a ver fantasmas, certo? Simplesmente, não falam muito sobre isso. Ter uma filha que se transformava em coioote era suficientemente mau, portanto todas as outras coisas que pudesse omitir, omitia.

E esta tão-pouco parecia ser a altura mais indicada para lhe contar isso. Não lhe tinha contado o que se passara na semana anterior. Não lhe tinha falado sobre os vampiros. Não tinha qualquer intenção de informá-la sobre quaisquer outros segredos que vinha mantendo.

Portanto, encolhi os ombros.

— Talvez por eu conviver com lobisomens e seres feéricos.

— O que é que ela estava à espera que tu fizesses em relação ao assunto? — perguntou Adam. Era provável que tivesse ouvido toda a minha conversa com Amber à distância; os lobisomens têm uma audição muito boa.

— Sei lá — respondi. — Tenho cara de especialista a afugentar fantasmas? — havia uma grande distância entre vê-los e afugentá-los. Nem sequer tinha a certeza de que isso fosse possível. Pensei no que Amber tinha dito. — Talvez ela só quisesse que eu fosse confirmar que a sua casa está de facto assombrada. Talvez só precise de alguém que acredite nela.

Adam ajoelhou-se e ergueu Stefan.

— Vou levá-lo para casa agora — embora Stefan fosse obviamente mais alto do que ele, a força sobrenatural de Adam não era aparente — ele simplesmente tinha o *aspetto* de alguém capaz de transportar uma enorme quantidade de peso sem esforço.

Deveria ter sido Darryl a levantar Stefan, não Adam. O Alfa não levantava coisas pesadas quando havia subordinados por perto capazes de fazê-lo. Ben e Peter tinham ambos alimentado o vampiro, porém Darryl não tinha essa desculpa. Devia ter um problema sério em relação aos vampiros.

Adam não pareceu ter reparado que algo de errado se passaria com Darryl.

— Vou mandar vir alguém para vigiar a tua casa esta noite — olhou para a minha mãe. — Precisa de algum sítio onde ficar? A casa da Mercy — relanceou os olhos em volta — não tem lá muito espaço.

— Vou ficar no Red Lion, em Pasco — respondeu a minha mãe a Adam. A mim, disse:

— Saímos à pressa e não consegui arranjar ninguém que olhasse pelo Hotep. Ele está no carro — Hotep era o seu *doberman pinscher*, que gostava de mim ainda menos do que eu gostava dele.

Adam assentiu solenemente com a cabeça embora não me lembrasse de lhe ter contado que o cão da minha mãe me odiava.

— Adam — disse-lhe. — Obrigada. Por teres salvado o Stefan.

— Não é necessário agradecer. Nós não o salvámos por tua causa.

Ben dirigiu-me uma expressão que bem poderia ter sido um sorriso não estivesse o seu rosto tão tenso.

— Tu não estiveste na cave com aquela *coisa* — referia-se ao vampiro de Andre, que estava possuído pelo demónio, o primeiro vampiro que eu matara. Ele tinha capturado vários lobisomens, bem como Stefan, e... brincar com eles. Os demónios gostam de infligir dor.

— Se não tivesse sido o Stefan... — Ben encolheu os ombros, como se a deixar uma memória não verbalizada dissipar-se. — Estamos em dívida para com ele.

Adam lançou um olhar de soslaio a Darryl, que abria a porta. Ocorreu-me uma coisa.

— Espera.

Adam estacou.

— Se eu falar com a minha mãe... isso conta? — ele dissera-me que eu tinha de falar com alguém, e a minha mãe não iria embora enquanto eu não lhe contasse tudo. Aparentemente, seria capaz de matar dois coelhos de uma cajadada só.

Colocou Stefan nos braços de Ben e encaminhou-se para mim. Acariciou-me o maxilar, mesmo abaixo da orelha, e, como se a nossa audiência fascinada não nos estivesse a observar, beijou-me, tocando-me apenas com as pontas dos dedos e a boca.

A princípio, um calor atravessou-me o corpo... seguido de um terrível medo sufocante. Não conseguia respirar, não conseguia mexer-me...

Quando voltei a mim, estava sentada no sofá com a cabeça entre os joelhos, Adam cantando a meia-voz. Porém, não me estava a tocar, nem ele nem mais ninguém.

Endireitei as costas e fiquei cara a cara com Adam. O seu rosto estava quieto, mas conseguia ver-lhe o lobo nos olhos e cheirar-lhe a ferocidade na pele.

— Ataque de pânico — disse desnecessariamente. — Não os tenho tido com tanta frequência — menti e, pela expressão na sua face, dei-me conta de que se apercebeu. Hoje já era a quarta vez. Ontem, tinha-me saído melhor.

— Falar com a tua mãe conta — replicou. — Vamos levar as coisas devagar... e ver como correm. Fala com a tua mãe ou com qualquer outra pessoa que te apeteça. Mas enquanto um beijo meu te causar um ataque de pânico, é sinal de que tudo está igual.

Não esperou que eu replicasse, limitou-se a sair de casa em passada larga, seguido pelo seu séquito. Darryl esperou até que Ben e Peter saíssem porta fora antes de fechá-la suavemente atrás de todos eles.

— Mercy — disse a minha mãe num tom circunspecto —, nunca me tinhas dito que o teu vizinho lobisomem era assim tão atraente.

— Hum hum — pronunciei. Valorizei o seu esforço, mas agora era chegada a altura e a única coisa que eu queria era despachar o assunto. — Imagina se o tivesses visto a estraçalhar o cadáver do Tim.

Ouvi a minha mãe inspirar profundamente.

— Quem me dera ter visto. Fala-me acerca do Tim.

Foi o que fiz. E ela não disse uma única palavra até eu terminar. Não tencionava contar-lhe tudo. Porém, ela não disse nada, não se mexeu, não olhou para mim. Portanto, falei. Estive à beira de mencionar o nome de Ben, contudo consegui não o fazer — cabia-lhe a ele revelar os seus segredos —, mas tudo o resto me saiu em parcelas ou hesitações, como que arrancadas de um qualquer lugar obscuro e vil. Demorei algum tempo até conseguir deitar tudo cá para fora.

— O Tim fez-te lembrar o Samuel — afirmou após eu ter terminado.

Retirei a cabeça do seu colo.

— Não, não estou louca — passou-me um maço de lenços de papel da caixa que estava pousada num dos braços do sofá. — Por isso é que não estavas a contar com o que veio a acontecer. Por isso é que não viste o que ele era. O Samuel sempre foi um pouco marginal, e fez com que passasses a ter um fraquinho por marginais.

Samuel? O Samuel alegre, dócil (para um lobisomem), um *marginal*?

— Não, nunca foi marginal — peguei numa mão-cheia de lenços de papel e limpei ranho e água salgada da minha face. O meu nariz pinga quando choro.

Fez que sim com a cabeça.

— Claro que foi. Ele gosta de humanos, Mercy, e a maioria dos lobisomens não — estremeceu em resultado de uma ou outra memória. — Ele ouvia *heavy metal* e assistia a reposições do *Star Trek*.

— Ele era o *número dois* do Marrok antes de vir para aqui como lobo solitário. Não era um marginal.

Limitou-se a olhar para mim.

— Lobo solitário não significa marginal — retesei-me.

A porta abriu-se de par em par e Samuel, que estivera sentado no alpendre durante algum tempo, entrou.

— Significa, sim. Ei, Margi, porque é que trouxe aquele cão consigo? Tem um aspeto que mete medo.

Hotep era preto com olhos castanho-avermelhados. Parecia Anúbis. Samuel tinha razão — tinha um aspeto que metia medo.

— Não consegui arranjar ninguém para tomar conta dele — replicou, levantando-se para receber um abraço. — Como é que tens passado?

Começou por dizer que vinha passando bem... e depois olhou para mim.

— Temos tido os nossos obstáculos, a Mercy e eu. Mas até agora, temos conseguido ultrapassá-los.

— A vida é mesmo assim — disse a minha mãe. — Preciso de ir embora. O Hotep por esta altura já se deve estar a passar, e além disso tenho de dormir — cravou os olhos em mim. — Posso ficar por uns dias... e o Curt pediu-me para te dizer que estás à vontade para passar uns dias em nossa casa — Curt era o meu padrasto, o dentista.

— Obrigada, mãe — disse de forma sentida. Por muito horrível que tivesse sido, achava que o facto de ter deitado tudo cá para fora poderia ter ajudado. Mas tinha de fazer com que ela sáisse da cidade antes de Marsilia dar o seu próximo passo. — Era exatamente o que eu estava a precisar — respirei fundo. — Mãe, preciso que voltes para Portland. Hoje já fui trabalhar. Voltar à minha atividade quotidiana foi a melhor opção. Acho que, se continuar com a minha rotina normal, acabarei por esquecer o assunto.

A minha mãe semicerrou-me os olhos e começou a dizer qualquer coisa, mas Samuel levava a mão ao bolso e entregara-lhe um cartão.

— Pegue — disse. — Telefone-me. Eu ponho-a a par de como ela está. A minha mãe ergueu o queixo.

— Como é que ela está?

— Assim-assim — respondeu. — Em parte é encenado, mas nem tudo. Ela é dura, tem bons genes. A Mercy vai ficar bem, mas acho que ela tem razão. Vai ficar melhor quando as pessoas pararem de agir com compaixão e pena e deixarem de estar sempre de olhos postos nela. E a melhor forma de fazer isso é regressando ao trabalho, à vida normal, até que as outras pessoas esqueçam o assunto.

Abençoado Samuel.

— Está bem — disse a minha mãe. Dirigiu um olhar severo a Samuel. — Bom, não sei o que se passa entre ti e a minha filha e o Adam Hauptman...

— Nem nós — murmurei.

Samuel exibiu um sorriso rasgado.

— Em termos de sexo, a coisa está bem clara: o Adam vai tê-lo um dia, eu não. Mas o resto ainda está em negociação.

— Samuel Cornick — disparei incrédula. — Estás na presença da minha mãe.

A minha mãe devolveu-lhe o sorriso e puxou-o para baixo de modo que pudesse beijar-lhe a face.

— Bem me parecia que assim era, mas só queria ter a certeza — moderou a atitude e, depois de me relancear os olhos, disse a Samuel:

— Toma conta dela por mim.

Assentiu solenemente com a cabeça.

— Farei isso. E todo o bando do Adam está empenhado no mesmo. Permite-me que a acompanhe até ao seu carro.

Voltou a entrar em casa e ouvi o carro da minha mãe partir. Samuel parecia tão cansado como eu.

— O Adam pôs dois lobisomens de vigia no Red Lion, à espera que a tua mãe chegue lá. Não lhe vai acontecer nada.

— Como é que correram as coisas nas urgências? — perguntei.

Animou-se.

— Um pobre tonto atravessou o país com a mulher grávida para visitar a mãe dele duas semanas antes da data prevista para o parto. Cheguei mesmo a tempo do parto.

Samuel adorava bebés.

— Rapariga ou rapaz?

— Rapaz. Jacob Daniel Arlington, dois quilos e meio.

— Foste à casa do Adam ver o Stefan? — perguntei.

Acenou afirmativamente com a cabeça.

— Passei por casa dele antes de vir para aqui. A minha ajuda não serviu de muito. Ajudo sobretudo pessoas antes de elas morrerem. Depois disso, não sou lá muito útil.

— Então, e que te parece?

Encolheu os ombros.

— Ele está a fazer o que quer que seja que os vampiros fazem durante o dia, que não é dormir, mas é qualquer coisa parecida. Presumo que ele vá descansar esta noite e durante o dia de amanhã. Que é o que qualquer pessoa de bom senso te diria para fazer, palavras do Adam. Declarou-me cansado e inútil e depois disse-me para vir para te vigiar no caso de a Marsilia decidir tentar mais alguma coisa.

— «Cansado e inútil» — repeti com comiseração escarnejadora. — E nem isso te livrou de um trabalho.

No seu rosto, desenhou-se um sorriso amplo.

— O Adam parece achar que tu declaraste ser dele. No entanto, consi-

derando o recorde dele em fazer isso sem te consultar, decidi perguntar-te eu próprio.

Levantei as mãos em sinal de rendição indefesa.

— Que posso eu dizer. A minha mãe acha que ele é atraente. Não tenho alternativa senão aceitá-lo. Além do mais, é terrível ver um homem rastejar... implorar.

Riu.

— Acredito. Vai para a cama, Mercy. O dia amanhece cedo — olhou através do corredor para o seu quarto, após o que se virou, começando a caminhar às arrecuas. — Vou contar ao Adam que me disseste que ele implorou para ficar contigo.

Ergui uma sobrancelha.

— E depois, eu digo-lhe que tu o acusaste de mentir.

Riu.

— Boa noite, Mercy.

Tinha aceitado o Adam como meu, escolhido com os meus olhos e coração abertos. Porém, o riso de Samuel ainda me fazia sorrir. Também amava Samuel.

Ele preocupava-me. Por vezes, parecia o velho Samuel, engraçado e despreocupado. No entanto, tinha a certeza de que durante grande parte do tempo estava a encenar, como um ator a quem fosse dada uma deixa — «Entra em palco e sorri alegremente.»

Ele viera para aqui, para ficar comigo, para tentar melhorar — o que era um bom sinal, como um alcoólico que vai à sua primeira reunião dos AA. Mas não tinha a certeza se o facto de ele estar aqui o estava a ajudar ou não. Ele era velho. Mais velho do que eu suspeitava quando fora criada no bando do seu pai. E embora os lobisomens não morram de velhice da mesma forma que os humanos, ela pode matá-los de forma igualmente eficaz.

Talvez se eu tivesse sido capaz de amar Samuel de forma diferente. Talvez se Adam não estivesse presente. Se tivesse aceitado Samuel como meu companheiro, como era sua vontade quando se mudou para a minha casa, talvez isso o tivesse orientado.

Franziu-me o sobrolho.

— Que se passa?

Mas não se pode casar com alguém para o orientar, mesmo que se sinta amor por esse alguém. E eu não amava Samuel da forma que uma mulher deveria amar o seu companheiro, da forma que amava Adam. Samuel tão-pouco me amava dessa forma. Perto disso, mas não exatamente. E, a não ser que se esteja a falar do jogo do fito, *perto* não conta.

— Sabes que te amo — disse-lhe.

Por momentos, o seu rosto pôs-se inexpressivo. Replicou:

— Sim, eu sei — as suas pupilas contraíram-se e os olhos cinzentos iluminaram-se, adquirindo a cor de um inverno glacial. Depois sorriu, um gesto doce e afetoso. — Eu também te amo.

Fui para a cama com a distinta sensação de que, desta vez, *perto* poderia ser o suficiente para fazer a coisa funcionar.

Samuel tinha razão — de facto, o dia amanhecia demasiado cedo. Bocejei ao mesmo tempo que metia para a rua onde se situava a minha oficina — e parei de repente no meio da estrada, já sem quaisquer pensamentos de sono na mente.

Alguém tinha pegado em latas de spray e feito uso delas no meu local de negócio durante a noite.

Interiorizei tudo aquilo e em seguida conduzi lentamente até ao parque de estacionamento, parando ao lado da velha carrinha de caixa aberta de Zee. Saiu do escritório e caminhou na minha direção enquanto eu saía da carrinha e fechava a porta, um homem um tanto alto, magro e com o cabelo grisalho. Parecia estar na casa dos cinquenta e muitos, sessenta e poucos, mas era bem mais velho do que isso: nunca se deve julgar um ser feérico pela aparência.

— Uau — disse eu. — Tenho de lhes tirar o chapéu pela dedicação. Devem ter estado aqui durante horas.

— E ninguém passou por aqui de carro? — disparou Zee. — Ninguém chamou a *Polizei*?

— Hum, provavelmente não. Há noite, não há muito trânsito por estas bandas — depois de ler os grafítis, percebi que havia temas e ideias a retirar da tela em que alguém tinha transformado a minha oficina.

O Tinta Verde, tinha quase a certeza, era um rapaz cujos padrões de pensamento se assemelhavam aos de Ben, isto se as palavras que usara servissem de indicador.

— Olha... ele escreveu mal «puta». Será que fez de propósito? Na janela da frente, escreveu de forma correta. Qual é que terá escrito primeiro?

— Telefonei ao teu amigo polícia, o Tony — disse Zee, tão furioso que os seus dentes batiam enquanto falava. — Estava a dormir, mas vai aparecer daqui a meia-hora. — Era possível que estivesse zangado por solidariedade para comigo, mas parecia-me que era sobretudo por causa do estado da oficina. Fora o seu negócio muito tempo antes de lho ter comprado. Na semana passada, também eu estivera zangada. No entanto, tinha acontecido tanta coisa desde então que este incidente estava numa posição muito baixa da minha hierarquia de preocupações.

O Tinta Vermelha tinha uma agenda mais apertada do que o Tinta Verde. Aquele apenas pintara duas palavras: «mentirosa» e «assassina», vezes sem conta. Adam instalara câmaras de segurança de modo que tivéssemos a certeza absoluta, mas estava capaz de apostar que o Tinta Vermelha era a prima de Tim, Courtney. Tim matara o seu melhor amigo antes de me ter atacado, e não restavam assim tantas pessoas que pudessem engendrar isto por causa da sua morte.

Ouvi um carro aproximar-se. Se fosse uma hora depois, altura em que o trânsito se começava a intensificar por causa das pessoas que se dirigiam aos seus empregos, não me teria dado conta. Mas a esta hora da manhã, reinava o silêncio, portanto, escutei a minha mãe acercar-se.

— Zee — disse em tom de urgência. — Existe alguma possibilidade de esconderes isto — acenei com as mãos na direção da oficina — durante uns minutos?

Não sabia grande coisa sobre o que ele era ou não capaz de fazer — além de reparar carros e trabalhar com o metal, não costumava usar magia à minha frente. No entanto, uma ocasião vira o seu rosto verdadeiro, portanto sabia que o seu *glamour* pessoal era bom. Se tinha a capacidade de mascarar o próprio rosto, certamente conseguiria esconder uma porção de tinta verde e vermelha.

Franziu-me o sobrolho em sinal de profundo desagrado. Não se pede favores a um ser feérico — não só é perigoso, como tendem a sentir-se ofendidos. Zee podia adorar-me, podia estar em dívida para comigo por eu o ter desenrascado de uma situação complicada, mas isso não era garantia de nada.

— A minha mãe vem a caminho — informei-o. — Os vampiros andam atrás de mim e eu tenho de arranjar maneira de ela ir embora, mas não vai fazer isso se souber que eu estou em perigo — depois, porque estava desesperada, joguei sujo. — Não depois do que aconteceu com o Tim.

O seu rosto congelou. A seguir, agarrou-me pelo pulso e puxou-me para mais perto da oficina.

Colocou a mão na parede ao lado da porta.

— Se funcionar, não vou conseguir retirar a mão sem quebrar o feitiço.

Quando a minha mãe contornou a esquina os grafítis tinham desaparecido.

— És o maior — disse-lhe.

— Faz com que ela se vá embora depressa — pediu com uma careta.

— Este não é o meu tipo de magia.

Assenti com a cabeça e comecei a caminhar em direção ao local onde a minha mãe estava a estacionar o seu carro quando vi a porta claramente. Uma vez que estivera coberta de tinta vermelha e verde, não tinha repara-

do. Alguém com uma certa dose de talento artístico pintara um X na porta. Para o caso de eu não perceber a ideia pretendida, em vez de duas meras linhas, o desenho era formado por dois ossos. Eram cor de marfim com sombreados acinzentados e um pequeno toque de rosa — não pintados por um par de putos arrogantes e irados com *spray*. A única coisa que faltava para parecer o símbolo de material tóxico era uma caveira.

— É melhor esconderes isso — disse Zee. — A magia não o vai fazer. Encostei-me à porta e cruzei os braços.

— Mas porque é que achas que não está a funcionar direito? — perguntei-lhe enquanto a minha mãe se aproximava, com Hotep pela trela.

— Porque é velho — respondeu-me Zee, pegando na deixa que eu lhe dera. — Porque não foi bem pensado. Porque os motores arrefecidos a ar precisam de estar constantemente a ser reparados.

— Eu estava... Ei, mãe.

— Margaret — disse Zee friamente.

— Sr. Adelbertsmiter — a minha mãe não gostava de Zee. Culpava-o pela minha decisão de ficar em Tri-Cidades e reparar carros em vez de arranjar um emprego como professora, algo muito mais na linha do tipo de trabalho que ela entendia que eu devia seguir. Feitos os cumprimentos, voltou-se para mim. — Pensei em passar por aqui antes de ir para casa — todavia, não se conseguiu aproximar muito, porque assim que Hotep sentiu o meu cheiro, rosnou e baixou a cabeça agressivamente — protegendo a minha mãe da coiote má.

— Eu fico bem — disse-lhe, fazendo uma careta ao *doberman*. Eu até gostava de cães, mas não daquele. — Manda cumprimentos meus ao Curt e às miúdas.

— Não te esqueças de resolver as coisas de maneira que possas aparecer por lá para o casamento da Nan — Nan era a minha meia-irmã mais nova, e ia casar-se dentro de seis semanas. Felizmente, não estava ligada à organização do casamento, portanto só tinha de me sentar e observar.

— Está anotado no meu calendário — afiancei-lhe. — O Zee vai olhar pela oficina por mim.

Olhou para ele, depois para mim.

— Muito bem, então — começou a dar-me um abraço e depois lançou um olhar severo a Hotep. — Precisas de ensiná-lo a comportar-se como fizeste com o Ringo.

— O Ringo era um caniche, mãe. Uma luta entre mim e o Hotep não ia acabar bem para nenhum de nós. Está tudo bem, a culpa não é dele.

Suspirou.

— Está bem. Cuida de ti.

— Amo-te. Conduz com cuidado — disse-lhe.

— Eu conduzo sempre com cuidado. Amo-te.

Quando o carro desapareceu da vista, Zee estava a suar. Tirou a mão do edifício e a tinta voltou.

— Não fiz isto por ti — grunhiu. — Não queria é que ela ficasse aqui mais tempo do que o necessário.

Afastámo-nos da porta para observar a pintura que agora estava tapada quase na sua totalidade por letras vermelhas e garrafais que juntas formavam a palavra «MENTIROSA». A pintura da cruz de ossos era mais espessa do que a pintura a *spray*, pelo que embora não conseguisse ver o grosso da cor, conseguia perceber-lhe os contornos.

— A noite passada, os vampiros largaram Stefan na minha sala de estar — disse-lhe. — Estava num estado deplorável. O Peter, um dos lobos do Adam, acha que quem quer que o tenha feito tinha a esperança de que o Stefan me atacasse e ambos saíssemos de cena. Stefan não estava em condições de falar muito, mas conseguiu dizer que a Marsília descobriu que eu tinha matado o Andre.

Zee percorreu os ossos com os dedos e abanou a cabeça.

— É *possível* que isto seja obra de um vampiro. Mas a verdade, Mercy, é que tens andado a meter o teu narizinho em tantos assuntos que não te pertencem, que quase pode ter sido qualquer pessoa. Vou falar com o Tio Mike, mas creio que a tua melhor fonte de informação será o Stefan, porque isto não me parece magia feérica. Quão gravemente ferido está o Stefan?

— Se ele fosse um lobisomem, acho que teria morrido. Achas que isto é magia? — a mim parecia-me que sim, mas tinha a esperança de estar errada.

Zee carregou o cenho.

— Para um chupador de sangue malvado, até nem é de muito má estirpe — grande elogio, vindo de Zee. — E sim, há magia aqui, mas nada que me seja familiar.

— O Samuel acha que o Stefan vai ficar bem.

Tony contornou a esquina no seu carro à paisana, que fora discretamente modificado pela Polícia: espelhos extras, algumas antenas adicionais e uma linha de luzes a atravessar o vidro traseiro, impercetível ao olhar nu porque escondida por um vidro muito escuro. Abrandou quando viu os danos. Estacionou ao nosso lado e abriu a porta.

— Estás a fazer a decoração de Natal antes do tempo, Mercy? — Tony tinha uma capacidade ainda maior do que a minha de passar despercebido. Hoje parecia um polícia hispânico... como uma imagem de marca dos polícias hispânicos, alguém bonito e apumado. Quando adotava o papel de traficante de droga, fazia-o melhor do que os próprios traficantes. Quando

o conheceu pela primeira vez, estava disfarçado de sem-abrigo. Não havia nele nada de mágico ou sobrenatural, mas o homem era um camaleão.

Relanceei novamente os olhos ao edifício. Ele tinha razão. Se não se prestasse atenção às palavras, de certo modo fazia lembrar o Natal. A mancha verde tendia a ser curta em altura, mas longa na horizontal. A mancha vermelha era gorda e condensada. De certo modo, parecia uma coroa com bolas vermelhas penduradas.

Até se podia ler *ho, ho, ho* se se saltasse algumas letras. O nosso pintor verde tinha um vocabulário limitado e ocasionalmente confundia uma mulher profissional do sexo com uma pouta, elemento usado em pequenas embarcações.

— Não são propriamente pensamentos natalícios — disse a Tony. — Mas as cores são adequadas. Aliás, se o branco não fosse tão sujo, teria um aspeto quase festivo, como aquele restaurantezinho mexicano em Pasco, o que tem aquele molho mesmo *picante* — as cores utilizadas faziam com que a pintura original do edifício parecesse sensaborona.

— O teu namorado ainda tem o sistema de videovigilância instalado?

— Sim, mas não sei como pô-lo a funcionar.

— Eu sei — disse Zee. — Vamos lá dar uma espreitadela.

Olhei-o de relance. *Vampiros, lembras-te? Nós não queremos que os simpáticos polícias humanos vejam os vampiros.*

Dirigiu-me um olhar meigo que claramente queria dizer: *Se os vampiros fossem tontos a ponto de serem filmados, o problema era deles.* Não pude objetar em voz alta, mas se os vampiros tornassem a sua existência óbvia, quem ficaria em perigo seria Tony.

Bom, pensei enquanto indicava o caminho para ao escritório, pelo menos os vampiros tinham a mesma aparência que todas as outras pessoas. Desde que não exibissem as suas presas perante as câmaras — ou atirassem um carro pelo ar —, era improvável que fossem detetados por aquilo que eram. E se fosse óbvio... Tony não era estúpido. Ele sabia muito a respeito de como os seres feéricos e os lobisomens operavam, e eu sabia que ele suspeitava da existência de muitos mais seres terríveis ainda por desvendar.

Enquanto Zee tratava da questão eletrónica, Tony olhou para mim.

— Como é que estás? — exalava um cheiro a preocupação, com um toque do odor metálico da fúria protetora.

— Francamente cansada de responder a essa pergunta — respondi em tom brando. — E tu?

Sorriu, mostrando os dentes.

— O.K. Achas que foi a Futuro Risonho que fez isto?

Se as nossas mentes continuassem a trabalhar de forma tão sincronizada, viria a sentir pena do próprio Tony.

— De certo modo. Acho que isto é obra da prima do Tim — disse-lhe. — Ela é membro da Futuro Risonho, mas não fez isto pela causa deles. É tudo dirigido a mim, não aos seres feéricos.

— Queres apresentar queixa?

Suspirei.

— Vou ligar à minha companhia de seguros. Receio bem que me forcem a apresentar queixa de modo que seja reembolsada. Não tenho possibilidade de contratar ninguém para voltar a pintar a oficina a menos que use o meu seguro, e não posso parar de trabalhar para eu mesma fazer a pintura — ainda tinha outras coisas para pagar: os danos que uma criatura feérica que me queria comer provocara na casa e no carro de Adam, por exemplo. E Zee dissera-me que ia exigir o resto do dinheiro que lhe devia pela compra do negócio. Os seres feéricos não conseguem mentir, e ainda não tínhamos tido tempo para resolver isso.

— E a família do Gabriel? — sugeriu Tony. — São vários e podiam trabalhar depois da escola. Seria mais barato do que contratar profissionais e... acho que eles precisam do dinheiro.

Gabriel Sandoval era o meu fiel e dedicado empregado, um estudante do ensino secundário que aparecia nos fins de semana e fins de tarde para tratar da papelada, atender telefonemas e fazer tudo aquilo que fosse necessário.

Tive uma visão súbita da oficina pejada de pequenas Sandovals penduradas em escadotes e cordas. Tinha-as deixado à vontade no escritório para fazerem a limpeza e quase tive dificuldade em reconhecer o lugar — para uma chusma de miúdas, eram incrivelmente zelosas.

— Boa ideia. Vou dizer ao Gabriel para telefonar à mãe dele assim que chegar.

— Pronto — disse Zee. Ligou o pequeno monitor de segurança e carregou num botão. O sistema que Adam tinha instalado era eficiente e caro. Funcionava através de sensores de movimento, portanto só tínhamos de observá-lo quando alguma coisa se estava a mexer. O primeiro movimento detetado foi às 22h15; vimos um coelho de tamanho médio pular calmamente ao longo do pavimento. À meia-noite, alguém aparecera à porta da oficina. Não eram duas pessoas com *sprays*, portanto tive a certeza absoluta de que se tratava da pessoa que pintara uma cruz de ossos na minha porta.

A imagem dele era estranhamente vaga, irreconhecível. O miserável mantinha o rosto fora do alcance da câmara — impressionante, uma vez que havia uma câmara colocada precisamente em frente à porta para captar o rosto de qualquer pessoa com intenção de forçar a entrada.

A única coisa que a câmara registava de forma nítida eram as luvas que tinha calçadas — do tipo antiquado: brancas com botõezinhos no pulso. Havia falhas estranhas nas imagens, saltos nas alturas em que a câmara se desligava porque não havia qualquer movimento para ser seguido. Segundo os temporizadores, demorou quarenta e cinco minutos a pintar os ossos na minha porta — dos quais as câmaras captaram cerca de dez minutos. Parte do restante tempo correspondia à chegada e à partida do pintor.

Não creio que ele soubesse que havia ali câmaras, e ainda assim evitou-as. Algumas criaturas sobrenaturais simplesmente não são filmáveis: tradicionalmente, os vampiros contam-se entre elas. A altura podia bem ser a de Wulfe, que seria a minha primeira opção em qualquer congemição vampírica. Posto que Wulfe era o vampiro que sabia com toda a certeza que eu matara Andre, era também o meu suspeito número um na lista de potenciais informadores que teriam contado a Marsília os meus crimes.

A câmara detetou novamente movimento.

— Para a imagem — disse Tony.

Duas figuras, ainda indistintas, congelaram no limite das luzes do meu parque de estacionamento, e os pequenos números no canto inferior direito do ecrã indicavam 2h08. O tempo tinha saltado quase meia-hora desde a altura em que o pintor dos ossos ali estivera pela última vez.

— O que foi aquilo? — perguntou. — A pessoa à tua porta?

— Não sei — respondi. Estive à beira de dizer que o meu palpite era tão bom quanto o meu, mas não era. — Talvez alguém estivesse a tentar forçar a entrada, mas sem sucesso — com base no ângulo da câmara era impossível perceber o que estivera a fazer. — De qualquer modo, não interessa, porque obviamente não foi ele que fez os grafítis.

Tony cravou os olhos em mim. Os polícias eram quase tão bons como os lobisomens a detetar mentiras. Virou-se abruptamente e abriu a porta para examiná-la. À semelhança de Zee, acompanhou o desenho da cruz de ossos com um dedo leve.

— Quem é que tens andado a chatear além da Futuro Risonho? Isto parece quase uma coisa feita pela velha Máfia: com classe, mas pensada para pregar um susto de morte ao seu alvo.

Suspirei, encolhi os ombros.

— Ninguém queria que eu livrasse o Zee da acusação de homicídio. Mas não é o tipo de coisa que uma criatura feérica faria — é demasiado visível. E um lobisomem que fosse importunado a esse ponto simplesmente atacaria. Conheço algumas pessoas que podem investigar o assunto melhor do que a polícia.

Franzindo o sobrolho, Tony produziu um ruído irritado.

— Estamos a falar de mais um dos teus casos «demasiado perigosos para vocês, meros polícias humanos»?

Esfreguei os braços, mas não sentia frio, apenas arrepios. Não tinha ilusões. Marsilia podia simplesmente ter-me matado, mas estava a brincar. No entanto, por muito brincalhão que seja o gato, o rato acaba sempre morto.

E o fim seria quando ela decidisse. A única questão era saber quantas pessoas — quantos dos meus amigos — ela decidiria derrubar juntamente comigo.

Talvez eu estivesse a entrar em pânico prematuramente. Talvez ela se satisfizesse com uma punição. Stefan era dela; não havia qualquer razão para a sensação profunda de que ele não seria o último a sofrer pelos meus pecados. Não conhecia Marsilia a ponto de fazer esse tipo de previsão.

— Mercy?

— Não sei o que a cruz de ossos significa. — *Além de más notícias.* — O Zee disse-me que estamos a lidar com magia, mas provavelmente não magia feérica — Zee não estava na nossa presença; qualquer pessoa que quisesse saberia que ele era uma criatura feérica, que era a razão pela qual a oficina era agora minha em vez de sua. Havia muitos preconceitos contra os seres feéricos. — Ele tem alguns contactos que vão investigar a coisa por mim. Eu também conheço mais algumas pessoas a quem posso fazer perguntas — Adam tinha uma bruxa ao serviço do bando. Ela era boa, mas iria sair-me muito caro contratá-la se o Tio Mike e Stefan não soubessem do que se tratava. Este mês estava a transformar-se numa verdadeira trapalhada. — No entanto, todas elas se vão manter a milhas de qualquer investigação policial. Conheces alguém no Departamento de Polícia de Kennewick que seja especialista em magia?

Tony fitou-me durante algum tempo, acabando por desistir com um suspiro.

— Nem pensar, Mercy. Devias ter visto as caras deles quando viram aquele vídeo... — deteve a fala e dirigiu-me um olhar culpado. Era um vídeo de mim a matar Tim... e de todas as coisas anteriores a isso. Encolheu nervosamente os ombros e desviou o olhar. — Há alguns que sabem umas coisas sobre seres feéricos ou lobisomens, mas... se sabem mais alguma coisa, não falam disso com medo de perderem os seus empregos.

Suspirou e entrou novamente na oficina.

— Força — disse a Zee. — Vamos ver a prima do Tim a pintar a oficina.

Assim que as duas pessoas encobertas pela escuridão entraram no parque de estacionamento, a imagem de Courtney era inconfundível. Em vez de observar todo o processo, Zee puxou o filme para a frente até o par

se ir embora passadas duas horas, com sacos contendo latas de *spray* vazias. Parou as imagens quando Courtney estava perto da câmara, onde não havia lugar a enganar. Ali estava o seu belo rosto oval severo e zangado. Zee puxou o filme para a frente e para trás até também termos uma visão clara do rosto de quem a acompanhava.

O sistema de segurança não fora instalado há muito tempo, mas Zee adorava engenhocas. Devia ter passado algum tempo a brincar com esta.

— Não há dúvida de que é a Courtney... Não me lembro do último nome dela — disse a Tony. — Não reconheço o homem. Se isto tivesse alguma ligação à Futuro Risonho, teriam vindo mais pessoas.

— É uma questão pessoal — concordou Tony num tom sombrio. — Vais ter de me dar esses discos e apresentar queixa para lhe darmos algum tempo para esfriar os ânimos. Ela não vai parar de te molestar tão cedo a menos que alguém lhe ponha um travão. É mais seguro para todos se for a polícia a fazer isso e não os lobisomens ou os seres feéricos.

Zee ejetou o disco e entregou-o a Tony.

Tony olhou-o de sobrolho franzido por um momento.

— Não estou preocupado com os miúdos, Mercy. Mas há qualquer coisa naqueles ossos e naquele gajo que me cheira a esturro. Se aquilo não é uma ameaça de morte, eu sou o Pai Natal. Durante uns tempos, mantém-te perto daquele teu namorado lobisomem.

Soltei um suspiro angustiado.

— Porque é que achas que o Zee ainda está aqui? Suspeito de que pelo menos durante o próximo ano não vou ter um único momento só para mim.

— Sim — replicou com um sorriso a iluminar-lhe os olhos. — É duro quando as pessoas gostam de nós.

Zee produziu um ruído que poderia ter sido uma risada. Disfarçou-o dizendo em tom carrancudo:

— Não que ela facilite a vida a quem a queira ter debaixo de olho. É só uma questão de esperar. Nas próximas semanas, a única coisa que ela vai fazer é queixar-se, queixar-se, queixar-se.

Circulava a notícia de que eu estava de regresso à oficina, pelo que os meus clientes habituais começaram a aparecer para expressar a sua solidariedade e apoio. Os graffitis só tornavam as coisas piores. Pelas nove, estava escondida na oficina, com as enormes portas basculantes fechadas, apesar de isso significar a clausura num espaço quente e abafado e uma alteração na minha conta de eletricidade.

Pus Zee a atender os clientes, pobres clientes. Zee não é dado a pessoas. Há uns anos, quando vim trabalhar para aqui, o seu filho de nove anos estava encarregado de atender as pessoas e todas elas se sentiam verdadeiramente gratas por isso.

Passei a maior parte da manhã a tentar descobrir os problemas de um *Jetta* com vinte anos. Não há nada mais divertido do que vasculhar no meio de problemas elétricos intermitentes, desde que se tenha um ano ou dois para desperdiçar. A proprietária saía do emprego às três da manhã e em duas ocasiões, ao tentar ligar o carro, percebera que a bateria estava sem carga apesar de as luzes estarem desligadas.

Não havia nada de errado na bateria. Ou no alternador. Estava de cabeça para baixo, no banco do condutor, com cara enfiada no painel do *Jetta*, quando me ocorreu um pensamento súbito. Rebolei e olhei para o novo e reluzente leitor de CD no carro antigo, que apenas tinha um leitor de cassetes aquando da sua última visita.

Quando Zee entrou, eu estava a usar palavras contundentes para descrever técnicos que não sabiam apertar os cordões dos próprios sapatos, mas se sentiam à vontade para mexer num dos meus carros. Já tratava deste

carro desde que tinha começado a trabalhar como mecânica, e sentia por ele uma afeição especial.

Zee pestanejou algumas vezes para esconder o seu divertimento.

— Podíamos enviar a tua fatura para o local que instalou o sistema de som.

— Eles pagavam-na? — perguntei.

Zee sorriu.

— Pagavam se fosse *eu* a levá-la — Zee também tinha um interesse pessoal pelos carros dos nossos clientes.

Fechámos para o almoço e fomos à nossa *roulotte* de tacos favorita para comermos tacos mexicanos autênticos. Ou seja, nada de queijo ou alface americana, mas sim coentros, lima e rabanetes — do meu ponto de vista, uma troca mais do que justa.

A *roulotte* estava estacionada num parque junto a uma padaria mexicana, mesmo do outro lado da ponte de tirantes sobre o Rio Columbia, colocando-a em Pasco, mas apenas um tudo-nada. Esta *roulotte* em particular era uma caravana pequena cheia de quadros brancos com o menu e os preços.

A mulher de rosto doce que lá trabalhava mal falava o inglês suficiente para atender pedidos — o que provavelmente não importava, uma vez que entre os seus clientes eram muito poucos os que tinham o inglês como única língua. Disse qualquer coisa e deu-me uma palmadinha na mão quando paguei — e quando observei o conteúdo do saco para me certificar de que as embalagenzinhas plásticas de *salsa* estavam incluídas, reparei que acrescentara dois dos meus tacos favoritos. O que comprovava que toda a gente, mesmo a que não sabia ler os jornais, tinha conhecimento da minha história.

Zee conduziu até ao parque do lado do rio onde ficava Kennewick, onde havia mesas de piquenique na margem para comermos. Suspirei enquanto caminhávamos ao longo da orla do rio entre o parque de estacionamento e as mesas.

— Gostava que não tivesse chegado aos jornais. Quanto tempo vai ser preciso até que as pessoas se esqueçam e os olhares de pena acabem?

Zee sorriu-me de forma lupina.

— Já to tinha dito; precisas de aprender espanhol. Ela deu-te os parabéns por o teres matado. E conhece mais alguns homens que podiam tirar proveito dos teus esforços — escolheu uma mesa e sentou-se.

Sentei-me em frente a ele e pousei o saco entre nós.

— Isso não é verdade — não falo espanhol, mas todos aqueles que vivem em Tri-Cidades durante muito tempo apanham algumas palavras —, de resto, não tinha dito muita coisa, mesmo em espanhol.

— Talvez não a última parte — concordou Zee, retirando um taco de frango e espremendo uma rodela de limão sobre ele. — Apesar de eu o ter visto na cara dela. Mas a verdade é que disse *bien hecho*.

Conhecia a primeira palavra, mas obrigou-me a perguntar o significado da última. Esperei até que a curiosidade forçasse as palavras a sair da minha boca.

— Que significa...? Bem...

— Bem feito — os seus dentes brancos afundaram-se na tortilha.

Estúpida. Era estúpida em permitir que as opiniões das outras pessoas tivessem importância, mas haver alguém que não me via como uma vítima animou-me imenso. Depois de deitar molho picante no meu taco de borrego, comi com apetite redobrado.

— Acho — disse a Zee — que hoje à noite vou ao *dojo* depois do trabalho — já tinha faltado à sessão da manhã de sábado.

— Seria interessante assistir — comentou Zee, tão próximo quanto podia chegar da mentira. Não tinha a menor vontade de observar um monte de pessoas excitadas num tóxico charco de suor e fadiga (palavras suas). O mais provável era ter sido eleito meu guarda-costas além do tempo em que estava a trabalhar.

Alguém tinha falado com todos eles. Consegui perceber isso pela forma informal como me saudaram quando entrei no *dojo*. Os músculos do maxilar do *Sensei* Johanson contorceram-se quando me viu, porém guiou-nos através dos exercícios e alongamentos iniciais com a sua habitual minúcia sádica.

Quando começámos a trabalhar os socos, os músculos no fundo das minhas costas, que haviam estado tensos durante a semana passada, estavam relaxados e soltos. Após os primeiros dois combates, estava relaxada e incorporei a minha habitual relação de amor-ódio com o meu terceiro oponente, o devastadoramente poderoso cinturão castanho que era o aruaceiro do *dojo*. Era cuidadoso, oh, tão cuidadoso, que o *Sensei* nunca o viu fazê-lo, mas ele gostava de magoar as pessoas... as mulheres. Além da integração do *full-contact* nas aulas do *Sensei*, Lee Holland era a outra razão pela qual eu era a única mulher no nível avançado. Lee não era casado, o que me agradava. Nenhuma mulher merecia ter de viver com ele.

Na verdade, gostava de lutar com ele a soco porque nunca me sentia culpada ao deixá-lo com nódoas negras. Também gostava do ar de frustração nos seus olhos quando os seus golpes hábeis (o seu cinturão castanho estava justamente acima do meu vermelho) não eram aplicados como deviam.

Hoje havia algo mais nos seus olhos quando observou os pontos no meu queixo, uma inflamação intensa que me assustou verdadeiramente. Estava excitado com a ideia de eu ter sido violada. Ou com isso ou com a ideia de eu ter matado alguém. Preferia que fosse a segunda, mas, conhecendo Lee, provavelmente seria a primeira.

— És fraca — disse-me, sussurrando de modo que mais ninguém conseguisse ouvir.

Tinha razão relativamente ao que lhe despertara o interesse.

— Matei a última pessoa que achava isso — repliquei, e apliquei-lhe um pontapé frontal com força no peito. Normalmente, ajustava a minha velocidade a algo mais humanamente possível. Mas os seus olhos fizeram com que deixasse de me fingir humana. Não tenho uma força sobrenatural, mas nas artes marciais a rapidez também conta.

Estava a mover-me a toda a velocidade quando o contornei, aproveitando o facto de estar desequilibrado. As artes marciais praticadas em torneios têm dois oponentes de frente um para o outro, mas o nosso estilo encoraja-nos a atacar por trás ou pelos flancos — mantendo as armas do inimigo apontadas para o lado errado. Golpeei-o com força na parte de trás do joelho, forçando-o a cair no chão. Antes que ele pudesse reagir, pulei um metro para trás para lhe dar a possibilidade de se levantar, sendo isto apenas um confronto num treino e não um combate até à morte.

No nosso *dojo*, praticávamos alguma luta corpo-a-corpo, mas não muito. O *Shi Sei Kai Kan* consiste basicamente em derrubar o adversário depressa e passar ao adversário seguinte. Foi desenvolvido a pensar no contexto de guerra, quando um soldado se pode ver na circunstância de enfrentar múltiplos adversários. A luta corpo-a-corpo deixa uma pessoa vulnerável ao ataque de outro oponente. E eu não tinha qualquer desejo de lutar de perto com Lee.

Rugiu com uma raiva carregada de humilhação e lançou-se a mim. Bloqueio e bloqueio, rotação e desvio, e impedi-o de me tocar.

Alguém gritou bruscamente:

— *Sensei!* Veja a luta do Lee.

— Basta, Lee — berrou o Sensei do lado oposto do *dojo*, onde estivera a treinar com alguém. — Basta.

Lee não pareceu tê-lo ouvido. Se não tivesse sido muito mais rápida do que ele, já estaria magoada. Naquele estado de coisas, garanti que ele não conseguisse aplicar nenhum dos seus golpes. Pelo menos durante algum tempo, até eu me pôr arrogante e presunçosa.

Deixei-me enganar pela simulação de um golpe com a sua mão direita, e fui atingida no diafragma pela mão esquerda, caindo no chão. Ignorando o mais que consegui a minha falta de fôlego, rebolei e pus-me de pé aos

tropeções. E, enquanto rebojava, vira Adam postado na soleira envergando um fato de negócios. Tinha os braços cruzados sobre o peito, esperando que eu tratasse de Lee.

E foi o que fiz. E acreditei que foi a presença de Adam que me deu a ideia. Passara algum tempo no seu *dojo* — na sua garagem — a praticar um pontapé aéreo e rotativo. Foi desenvolvido como uma forma de tombar um oponente do seu cavalo, um golpe sacrificial ao qual o soldado de infantaria não esperava sobreviver. Os guerreiros a cavalo eram mais valiosos enquanto arma do que os soldados de infantaria, portanto o sacrifício valia a pena. Nos tempos modernos, o pontapé é usado, sobretudo, em demonstrações; usado em combate com outra pessoa hábil no chão é, por norma, demasiado lento e vistoso para ser útil. Demasiado lento, a menos que se desse o caso de a pessoa ser um coio nos tempos livres e possuir uma rapidez sobrenatural.

Lee jamais estaria à espera que eu tentasse executá-lo.

O meu calcanhar atingiu o maxilar de Lee e ele colapsou no chão quase ao mesmo tempo em que decidi aplicar o golpe. Caí mesmo ao seu lado, ainda com dificuldade em respirar por causa da pancada que levava no diafragma.

Ainda mal tinha caído e já o *Sensei* estava ao lado de Lee, a verificar o seu estado. Adam colocou a mão no meu abdómen, endireitou-me as pernas para facilitar a respiração.

— Bonito — disse. — Uma pena teres conseguido; se alguém merecia perder a cabeça... — Não o disse como uma brincadeira. Se o tivesse dito de forma um pouco mais acalorada, teria ficado preocupada.

— Ele está bem? — tentei perguntar, e ele deve ter compreendido.

— Perdeu a consciência, mas vão ficar bem. Nem sequer vai ficar com uma nódoa negra no pescoço.

— Acho que você tem razão — disse o *Sensei*. — Ela conseguiu e colocou o pé de forma perfeita para um golpe de um torneio — segurou Lee enquanto o homenzarrão gemia e se começava a mexer.

O *Sensei* olhou para mim e carregou o cenho.

— Foste estúpida, Mercy. Qual é a primeira regra de combate?

Por esta altura, já conseguia falar.

— A melhor defesa é ter sapatilhas rápidas — respondi.

Acenou afirmativamente com a cabeça.

— Isso mesmo. Quando reparaste que ele estava fora do controlo, que, estou certo, terá sido pelo menos dois minutos antes de eu me aperceber porque estava a ajudar o Gibbs com o seu pontapé descendente, devias ter pedido ajuda e depois sair da beira dele. Não faz sentido nenhum ter deixado isto continuar até alguém se magoar.

Na linha lateral, Gibbs, o outro cinturão castanho, disse:

— Ela lamenta, *Sensei*. Simplesmente confundiu as direções. Não parava de correr no sentido errado.

Houve uma risada geral e a tensão dispersou-se.

O *Sensei* fez um *check-up* geral a Lee para se certificar de que não havia qualquer dano permanente.

— Não participas no resto da aula — disse a Lee. — Depois, vamos ter uma conversinha.

Quando Lee se levantou, não olhou para mim nem para mais ninguém, simplesmente agachou-se de costas contra a parede.

O *Sensei* levantou-se e eu segui-lhe o gesto. Olhou para Adam. Este inclinou a cabeça, com o punho na palma da outra mão e olhos escondidos atrás de um par de óculos de sol que não estava a usar na primeira ocasião em que o vira na soleira. A maior parte dos lobisomens que conheço anda de óculos escuros e usa chapéus que lhes possa obscurecer os olhos.

— Adam Hauptaman — disse. — Amigo da Mercy. Só estou aqui para assistir, a menos que se oponha.

O *Sensei* era contabilista na vida quotidiana. Trabalhava para uma firma de seguros, mas aqui era o rei. Os seus olhos revelavam calma e confiança enquanto fitava Adam.

— O lobisomem — disse. Adam era um dos cinco ou seis do seu bando que decidira vir a público.

— Isso mesmo — concordou Adam.

— Então, por que é que não ajudou a Mercy?

— É o seu *dojo*, *Sensei* Johanson — o *Sensei* ergueu uma sobrancelha e o sorriso repentino de Adam dissipou-se. — Além disso, já a vi lutar. Ela é dura, e esperta. Se achasse que estava em apuros, teria pedido ajuda.

Relanceei os olhos em volta enquanto rebojava e pus-me de pé, como nova excetuando as belas nódoas negras com que ia ficar na barriga. Zee tinha-se ido embora. Ele não se teria deixado ficar estando Adam presente para assumir o papel de guarda-costas. Franzira o nariz ao odor de corpos suados quando entrara — sorte a sua estarmos a atravessar um outono relativamente frio. No pico do verão, sentia-se o cheiro do *dojo* a um quarteirão de distância; pelo menos eu sentia. Para mim, o cheiro era intenso, mas não desagradável, mas, com base nos meus companheiros alunos de *karate*, sabia que a maioria dos humanos detestava-o quase tanto como Zee.

Acabado o drama, Adam regressou para a linha lateral, desapertando a gravata e tirando o casaco do fato por causa do calor. O *Sensei* mandou-nos fazer trezentos pontapés laterais (Lee foi chamado da sua posição de vergonha para participar), primeiro para a esquerda, depois para a direita. Todos os contámos em japonês — embora suspeitasse de que se um falante nativo

entrasse, provavelmente sentiria dificuldade em perceber o que estávamos a dizer.

Os primeiros cem foram fáceis, com músculos quentes e flexíveis por causa da calistenia anterior; os seguintes... nem tanto. Algures na casa dos 220, perdi-me na dor ardente até quase sentir um choque quando parámos e mudámos de lado. Vagueando por entre as filas de alunos (esta noite éramos onze), o *Sensei* foi ajustando a postura das pessoas conforme entendeu necessário.

Era possível distinguir aqueles que, entre nós, eram mais avançados, porque o nosso pontapé número duzentos parecia-se com o primeiro. Os pontapés dos alunos menos diligentes perdiam altura e qualidade à medida que a exaustão começava a pesar. Ultrapassada a casa dos trezentos, ainda havia alguns alunos em boa forma — mas não era o meu caso.

Após a aula, as pessoas estavam demasiado ocupadas a tentar evitar olhar descaradamente para o lobisomem — tentando, ao mesmo tempo, vê-lo bem — para me prestarem qualquer atenção. Mudei-me na casa de banho com toda a calma, por cortesia, de modo que todos eles tivessem tempo para se mudar na antessala em frente ao *dojo* antes de eu sair.

O *Sensei* estava à minha espera quando emergi.

— Bem feito, Mercy — disse-me com uma ênfase que me fez perceber que não estava a falar acerca de Lee. Era estranho o facto de me dirigir as mesmas palavras, numa língua diferente, que a mulher da *roulotte* de tacos usara, e com o mesmo propósito.

— Se não tivesse sido isto — inclinei a cabeça para indicar o *dojo* —, naquela noite teria sido eu a morrer e não quem me atacou — fiz-lhe uma vénia formal com ambos os punhos para baixo. — Obrigada pelos seus ensinamentos, *Sensei*.

Retribuí-me a vénia, e ambos ignorámos os nossos olhos lacrimejantes.

Adam esperava-me perto da porta principal, examinando cuidadosamente as unhas. Optara por se divertir com a circunstância de toda a gente o observar, o que era bom. Ele tinha mau génio. O suor escurecia-lhe a camisa de algodão egípcio, pelo que esta se colava aos contornos dos seus ombros e braços, anunciando a toda a gente que tinha um corpo duro.

Respirei fundo para refrear os ânimos e apresentei-o. Apenas Lee o olhou nos olhos por mais do que um breve instante, e a princípio pensei que Adam ia perder o controlo. Dirigiu um sorriso assustador a Lee. Temia o que ele — qualquer um deles — fosse dizer, por isso agarrei Adam pelo braço e puxei-o porta fora.

Se fosse essa a sua vontade, Adam poderia ter-me sacudido, mas alinhou. Não tinha trazido o meu carro porque o *dojo* ficava a uma caminhada curta, através de um campo e da via-férrea, da minha oficina. O SUV de Adam tão-pouco estava lá.

— Vieste num carro diferente? — perguntei no parque de estacionamento.

— Não, pedi ao Carlos que me deixasse aqui depois do trabalho para poder ir contigo a pé até à oficina — Carlos era um dos seus lobos, um dos três ou quatro que trabalhavam para ele na sua empresa de segurança, mas que eu conhecia mal. — Lembro-me de me teres dito que gostavas de acalmar o espírito na caminhada de regresso.

Dissera-lhe isso vários anos antes. Ele tinha estado à minha espera na oficina com um aviso... Olhei para baixo, na direção do asfalto, e virei a cabeça de modo que não visse o meu sorriso.

Tinha sido depois de eu tirar o meu carro velho do celeiro e o ter colocado no meio do terreno para que Adam não tivesse como não o ver através da janela da sua casa. Andava a dar ordens a torto e a direito e, conhecendo os lobos como conhecia, não me atrevera a desafiá-lo declaradamente. Em vez disso, sabendo quão organizado e arrumado era, torturara-o com o velho e maltratado *Rabbit*.

Passara pela oficina e encontrara o meu carro, mas não me encontrara a mim. Nunca o tinha dito, mas estava em crer que me teria seguido o rasto até ao *dojo* — e, em vez de se queixar do lixo móvel, dera-me um raspanete por andar a pé sozinha à noite por Tri-Cidades. Exasperada, rosnara-lhe em resposta. Dissera-lhe que optava pela caminhada não muito longa até à oficina como um arrefecimento do espírito pós-exercício físico. Isso acontecera após o seu divórcio, mas não muito depois. Há anos.

Passado todo este tempo, lembrava-se.

— Porque é que estás toda enfatuada? — perguntou.

Lembrara-se do que lhe dissera, como se fosse importante para ele já nessa altura... mas eu era capaz de descrever a cor exata da gravata que usara nesse dia, o tom que a preocupação lhe imprimira à voz.

Não queria admitir que me sentia atraída por ele. Não quando era casado, e não quando ficara solteiro. Fora criada por lobisomens, deixara-os, e não queria dar por mim novamente naquele ambiente claustrofóbico e violento. Sobretudo, não tinha o menor desejo de andar com um lobisomem Alfa.

E, no entanto, aqui estava eu, a caminhar com Adam, e Alfa que fizesse mais jus ao título não existia.

— Porque é que não te intrometeste na minha luta com o Lee? — perguntei, mudando de assunto. Ele queria tê-lo feito — essa era a razão pela

qual colocara os óculos, para que ninguém visse que os seus olhos se tinham iluminado, adquirindo a cor dourada do lobo.

Não respondeu logo. A rampa de acesso aos carris, através dos quais se chegava mais rapidamente à minha oficina, era inclinada, e a gravilha pequena tornava-a um pouco traiçoeira. Estava dorida, portanto subi-a a correr. Os meus quadris, cansados dos trezentos pontapés, protestaram contra o esforço adicional que lhes estava a pedir, mas correr significava que a subida terminava depressa.

Adam correu rampa acima com facilidade, atrás de mim, mesmo calçando sapatos de sola lisa. Havia algo no modo como me seguia que me fez sentir nervosa, como se eu fosse um veado perseguido. Portanto, parei no topo e estiquei as minhas pernas cansadas. Diabos me levassem se ia fugir de Adam.

— Tu tinha-lo dominado — disse Adam, olhando-me. — É melhor do que tu em termos de forma, mas nunca lutou pela vida. Não ia gostar da ideia de estares atada e sozinha com ele muito tempo, mas no *dojo* não tinha a menor hipótese — a seguir, a sua voz tornou-se mais grave e o tom ligeiramente mais severo. — Se não tivesses sido estúpida, nem sequer tinhas sido atingida. Não voltes a fazer aquilo.

— Não voltarei, não senhor — disse-lhe.

Tinha passado todo o dia a tentar não pensar em Adam — uma vez que a cruz de ossos na minha porta tornava claro que Marsilia ainda tinha contas a ajustar comigo. Eu sabia, apesar de Zee ir tentar investigar outras possibilidades, eu *sabia* que tinham sido os vampiros a deixar a marca na minha oficina. E, tal como dissera Tony, parecia uma ameaça de morte. Era uma mulher morta; era só uma questão de tempo. A única coisa que me restava fazer era arranjar uma maneira de evitar que outras pessoas morressem juntamente comigo.

Adam morreria pela sua parceira. Tão-pouco me deixaria simplesmente partir. Christy, a primeira mulher dele, não era a sua parceira, de outro modo ainda estariam casados. Tinha de descobrir uma forma de desfazer o que fizera a noite passada.

Contudo, era difícil acreditar na morte com ele aqui ao meu lado, com a rica luz solar de outono reluzindo-lhe o cabelo escuro e iluminando-lhe os olhos, tornando-o estrábico e realçando pequenos traços do seu sorriso.

Pegou-me pela mão num gesto casual do qual não tinha como escapar sem fazer estardalhaço. Sobretudo, considerando que não queria escapar. Inclinou a cabeça como se a tentar analisar-me — teria ele percebido o que eu estava a pensar? A sua mão era grande, quente. Os calos que tinha tornavam-lhe a pele tão áspera quanto a minha.

Desviei o olhar dele, mas mantive-me de mão dada enquanto come-

çava a descer o trilho que desembocava na minha oficina. Durante cerca de quatro passos, senti um incômodo, mas depois adequou o andar e, subitamente, o ritmo dos nossos corpos sincronizou-se.

Fechei os olhos, confiando que o meu equilíbrio e Adam me manteriam na direção correta. Se eu chorasse, ele perguntar-me-ia o motivo, e não se consegue mentir a um lobisomem. Precisava de distraí-lo.

— Estás a usar uma água-de-colónia nova — disse-lhe, constatando que a minha voz estava rouca. — Gosto.

Riu, um som quente e ressoante que repousou no meu estômago como uma morna fatia de tarte de maçã.

— O mais provável é ser o champô... — a seguir riu novamente e fez-me perder o equilíbrio até esbarrar contra ele. Largou a minha mão e agarrou suavemente o meu ombro mais distante com o braço a atravessar-me as costas. — Não. Tens razão, tinha-me esquecido. Quando estava a sair de casa hoje à noite, a Jesse borrifou um *spray* qualquer para cima de mim.

— A Jesse tem um gosto excelente — comentei. — Cheiras tão bem que apetece comer.

O braço em redor dos meus ombros enrijeceu. Pensei no que acabara de dizer e imediatamente senti as minhas faces aquecer. Em parte, era embaraço... mas em parte, não. Todavia, não fora o deslize freudiano que lhe chamara a atenção.

Adam estacou. Uma vez que estava a abraçar-me, também eu estaquei. Fitei-o e acompanhei o seu olhar, cravado na minha oficina.

Ups. Bom, vinha pensando numa forma de distraí-lo de modo que não se perguntasse por que motivo estava eu chateada. Esta não era a forma ideal de fazê-lo.

— Suponho que o Zee não te tenha contado?

— Quem fez aquilo? — rosnou. — Foram os vampiros?

Como responder àquilo sem dizer uma mentira, que ele farejaria, ou dar início a uma guerra.

Se soubesse que Marsilia tinha conhecimento de que eu matara Andre, jamais teria dito a Adam que estava disposta a ser sua parceira. Outro lobo talvez compreendesse que uma guerra com os vampiros não iria salvar-me, apenas faria com que mais pessoas morressem. Uma guerra com os vampiros aqui, em Tri-Cidades, poderia disseminar-se como uma praga através de todo o território sob o domínio do Marrok.

Porém, Adam não deixaria a situação ficar por ali. E Samuel colocar-se-ia do lado dele. Eu jamais seria o grande amor da vida de Samuel, nem ele o meu. No entanto, isso não significava que ele não me amasse, tal como eu o amava a ele. E Samuel meteria o seu pai, o Marrok, ao barulho.

Não entres em pânico, faz de conta que está tudo normal, disse a mim mesma.

— Os vampiros fizeram algum trabalho de decoração na minha porta, mas a maior parte foi da responsabilidade da prima do Tim e de um amigo dela. Podes ver no vídeo, se quiseres. A mãe e as irmãs do Gabriel vão aparecer no sábado para ajudar a pintar a oficina. A polícia está a tratar do assunto, Adam — a última frase, disse-a porque ainda estava hirto. — O Tony acha que é natalício. Se calhar, vou deixá-la como está por uns meses.

Cravou os olhos em mim.

— Ela ainda acredita no primo, Adam. Ela acha que eu inventei tudo para me safar de uma acusação de homicídio — fiz por que ouvisse o meu tom de compreensão em relação à situação difícil de Courtney, mesmo sabendo que Adam não aprovaria. No que diz respeito ao certo e ao errado, Adam via as coisas a preto e branco. Ficaria irritado com a minha atitude, e isso distraí-lo-ia. Manter o enfoque na Courtney e longe dos vampiros.

Adam não relaxou, mas a verdade é que retomou o passo.

Normalmente, tomo duche na oficina após o treino, porém não queria que Adam visse de forma clara a cruz de ossos na minha porta. Queria que continuasse a pensar em outras coisas que não vampiros até saber que opções tinha. Portanto, saltámos para o interior da minha *Volkswagen Transporter* (o meu pobre *Rabbit* ainda estava a ser reparado por causa dos danos que uma criatura feérica lhe havia provocado a semana passada).

Talvez me mudasse. Se viajasse para o território de outro vampiro, isso poderia abrandar Marsília, especialmente se fosse um vampiro que não gostasse dela. Fugir iria irritá-la, mas se ficasse, ela matar-me-ia — e Adam não aceitaria isso bem e muitas outras pessoas além de mim iriam morrer.

Podia tentar eliminar Marsília.

Na verdade, considerei seriamente essa possibilidade, o que revelava quão desesperada estava. É verdade, eu matara dois vampiros. O primeiro, matara com muita ajuda e uma quantidade generosa de sorte. O segundo, matara enquanto dormia.

Tinha tantas possibilidades de eliminar Marsília quanto a Medea tinha de eliminar um puma. Talvez menos.

Enquanto pensava, tagarelei com Adam durante toda a viagem até casa. A minha casa. A gasolina era cara, e ele não se importaria de percorrer a pé a curta distância até à sua.

Se quisesse esperar enquanto eu tomava um duche, entendi que podia caminhar com ele. Relanceei os olhos ao céu e concluí que tinha tempo

para tomar um duche sem correr o risco de Adam ser o primeiro a falar com Stefan.

Precisava de descobrir o que significava o desenho na minha porta — e certificar-me de que fugir daria resultado. Era possível que Stefan soubesse, mas não queria fazer nenhuma das perguntas em público. Descortinei uma forma de vir a estar com ele a sós quando chegasse a altura.

— Mercy — disse Adam, interrompendo o meu monólogo sobre *Karman Ghiasi* motores arrefecidos a ar *versus* motores arrefecidos a água na altura em que virava para a minha rampa de entrada. Parecia simultaneamente deleitado e resignado. Era um tom que lhe escutara muitas vezes.

— Hum?

— Porque é que os vampiros pintaram um par de ossos na tua porta?

— Não sei — respondi numa voz deliberadamente relaxada. — Nem sequer sei se foram os vampiros. A câmara não captou muito bem quem foi. Eu e o Zee só achámos que foram os vampiros por causa do Stefan. Ainda assim ele vai verificar junto do Tio Mike para se certificar de que não foi um ser feérico.

— Eu não vou deixar que a Marsília te faça mal — disse no tom baixo que usava quando fazia um juramento de honra.

Os lobos fazem isso, pelo menos alguns dos mais velhos. Não pensava que Adam fosse um deles. Ele era um modelo da década de 1950, preso eternamente à aparência de alguém que está na casa dos vinte anos. Quando digo lobisomens mais velhos, refiro-me a muito mais velhos do que da década de 1950, pelo menos com duzentos anos de idade.

Não que os homens modernos não tenham honra, o que acontece é que a maior parte deles não a pensa dessa forma. Isso dá-lhes uma flexibilidade que as gerações anteriores não tinham. Alguns dos lobos mais velhos levam os seus juramentos muito, mas mesmo muito, a sério.

O que eu não teria dado para ser estúpida a ponto de acreditar que Adam podia prometer que Marsília não me iria matar — e ainda mais para acreditar que ele não estava disposto a dar a própria vida para manter a sua palavra.

Não estava resignada ao meu destino ou coisa que o valha, mas se havia coisa que aprendera ao ser criada por lobisomens tinha sido a necessidade de estar atenta às consequências prováveis e de minimizar os danos. E se Marsília me queria morta... bom, essa era a consequência mais provável. Realmente provável. A ponto de eu sentir um novo ataque de pânico estúpido. O meu primeiro hoje, descontando alguma falta de ar numa ou noutra ocasião.

— Ela não é estúpida a ponto de me atacar — afirmei, abrindo a minha porta. — Especialmente, depois de saber que te aceitei oficialmente

como meu parceiro. Isso coloca-me sob a proteção do teu bando. Ela não vai ter grandes hipóteses de me fazer alguma coisa — deveria ser verdade... mas estava em crer que não iria ser assim tão fácil. — Quem está em sarilhos é o Stefan.

Saiu e esperou que eu contornasse a parte frontal da carrinha, após o que perguntou:

— Gostavas de ir comigo amanhã... a um sítio simpático? Jantar e um pezinho de dança.

Não era o que eu estava à espera que ele dissesse, não com aqueles olhos frios e inquiridores postos em mim. Demorei um momento a mudar de assunto, posto que a minha morte iminente às mãos de Marsília era um tanto ou quanto preocupante.

Adam queria sair comigo.

Tocou-me na face — ele gostava de fazer isso e vinha fazendo-o cada vez mais nos últimos tempos. Consegui sentir o calor dos seus dedos até à ponta dos pés. Subitamente, a ideia da proximidade da minha morte perdera força.

— Sim. Parece-me bem — levei a mão à barriga para aliviar a sensação de borboletas que nela se instalara, sem ter a certeza se se devia à noção de que iria ter outro encontro com Adam ou à consciência de que teria de acabar com ele antes de lhe trazer a morte, a ele e ao seu bando. Talvez tivesse de fugir esta noite — isso magoá-lo-ia mais agora que tinha concordado sair com ele? Deveria arranjar um motivo que explicasse que o nosso futuro não iria resultar?

De repente, ocorreu-me um pensamento. Se o magoasse, se o afastasse de mim furioso... importar-se-ia quando a Marsília me matasse, ou deixaria que o assunto lhe passasse ao lado? Uma sensação de opressão, que recentemente se tornara familiar, começou a subir-me a partir do estômago — aquele ataque de pânico que ameaçava emergir.

— Preciso de tomar um duche — disse-lhe com a voz firme. — Mas depois, gostava de falar com o Stefan.

— Não há problema — replicou, subindo os degraus à minha frente. Abriu a porta e segurou-a para eu poder passar. — Eu fico à espera enquanto tomas um duche. O Samuel não está em casa.

Não havia motivo para me sentir como uma presa de Adam, disse a mim mesma com firmeza enquanto passava por ele para entrar na minha própria casa. Não havia razão para sentir o olhar fixo de Adam nas minhas costas. Ele não tinha como ler a minha mente para saber que eu estava a planear fugir. No entanto, não me voltei quando disse:

— Faz de conta que estás em casa, eu venho já — e fechei a porta da minha casa de banho, encostando-me a ela.

...

Primeiro esfreguei as mãos, usando uma escova de pelo duro e *Fast Orange*² para o que ainda restava de fuligem. Nunca conseguia tirá-la completamente, mas se Adam se sentia incomodado por andar com alguém que tinha sujidade incrustada na pele das mãos, nunca diria nada. Quando percebi que não iria conseguir limpá-las melhor, entrei no chuveiro.

Poderia eu mudar de ideias sobre ser a parceira de Adam?

Não sou tão sensível à magia do bando quanto os lobisomens. Eles não falam muito sobre isso. Cheios de segredinhos, aqueles lobisomens. Tenho vindo a descobrir que existe muito mais por detrás disso do que eu imaginava. Sabia que era possível a um casal dissolver a sua união, embora nunca tivesse conhecido nenhum.

Ter-se-ia a minha concordância reduzido a meras palavras, ou teria desencadeado um qualquer processo na magia do bando? O consentimento, isso eu sabia, era necessário para que muita da magia tivesse lugar. Sou imune a alguma magia. Talvez a união com um parceiro se viesse a revelar uma dessas coisas. Também sabia que a magia do bando operava de forma subtilmente diferente no Alfa comparativamente ao resto do bando. Adam tinha-se ligado a mim declarando-me sua parceira perante o bando — e isso tivera um efeito na magia do bando e em Adam. Estava bastante segura de que não era assim com a maioria dos lobos, que ambos tinham de concordar, e que o seu acasalamento era uma questão mais privada.

Franzi o sobrolho. Havia uma cerimónia. Tinha quase a certeza disso. Algo acontecia para transformar um par num casal — e depois havia uma qualquer espécie de cerimónia reservada apenas a lobisomens. Talvez Adam o tivesse feito ao contrário? Talvez acasalar com um Alfa não fosse em nada diferente de acasalar com qualquer outro lobo.

Talvez fosse dar comigo em louca. Precisava de informação verdadeira, e não tinha ideia sobre a quem recorrer.

Não podia ser nenhum dos do bando de Adam — poria a sua autoridade em causa. Além disso, iriam contar-lhe que eu andava a fazer perguntas. Samuel tão-pouco parecia uma boa opção, não logo após termos concordado em não tentar uma relação como casal. E Bran também não, pela mesma razão. Eu sabia que ele enviara Samuel para Tri-Cidades na tentativa pouco sensata de provocar a nossa união. Não tinha a certeza se Samuel lhe dissera que não tinha funcionado. Desejei, não pela primeira vez, que o meu padrasto, Bryan, ainda estivesse vivo. Mas cometera suicídio há muito tempo.

²Sabonete líquido particularmente forte. (*N. do T.*)

Voltei o rosto contra o jato quente do meu chuveiro. O.K., partamos do pressuposto que a questão da união não era permanente. O que é que eu poderia fazer para Adam me odiar?

Bom, certamente eu não ia dormir com Samuel. Ou magoar Jesse.

A água atingiu o ferimento no meu queixo, que começava a sarar, e inclinei a cabeça. Forçá-lo a deixar-me parecera-me lógico, mas Adam não era o tipo de pessoa que partia quando as coisas ficavam más. E mesmo que conseguisse fazê-lo, não ficaria ele na mesma afetado se Marsília me matasse? Talvez se eu tivesse alguns meses ou um ano para planear as coisas, me conseguisse safar.

Podia eu fugir? Com o meu saldo bancário, não passaria de Seattle.

O ameaçador ataque de pânico esfumou-se e fui acometida por uma sensação de alívio. Era a primeira vez em que estar lisa me tinha feito sentir feliz.

Podia ser uma mulher morta, mas haveria de ficar junto de Adam durante o tempo que me restasse.

Embora a mão de Adam estivesse cavalheirescamente sob o meu braço enquanto atravessávamos o meu terreno em direção à vedação com arame farpado que separava as nossas propriedades, havia um sentimento de posse no ar carregado que parecia acompanhá-lo sempre. *Minha*, dizia.

Se a questão de Marsília não existisse, sem dúvida de que teria reagido mal àquela possessividade. Naquele estado de coisas, sentia-me triste por não poder simplesmente relaxar na segurança que ele representava... não sem arriscar que ele se magoasse por minha causa.

Senti novamente nós no estômago, e se não fosse capaz de controlar todas as emoções, ia ter aquele estúpido ataque de pânico, sem a proteção do som da água e da porta fechada da casa de banho. Precisamente aqui, onde toda a gente podia ver. Ao lado do pobre *Rabbit* maltratado, com o número de telefone de Adam pintado no tejadilho. *Para passar um bom bocado...*

Parou.

— Mercy? Porque é que estás tão zangada?

No fundo, sabia. Até eu conseguia sentir o cheiro: raiva e medo e... Eu tinha tudo, e não tinha *nada*.

Era demasiado. Fechei os olhos e senti o corpo tremer desesperadamente e a minha garganta estreitar, recusando-se a permitir a passagem do ar...

Adam agarrou-me no momento em que caí e puxou-me de encontro a ele, à sombra do velho carro. Ele estava tão quente, e eu estava tão

fria. Encostou o nariz ao meu pescoço. Não conseguia vê-lo; a falta de ar manchou-me a visão com pontos negros.

Ouvi a rosnadela agitar o peito de Adam, e a sua boca fechou-se na minha — e eu inalei profundamente através do nariz. Conseguia respirar novamente e o peso no meu estômago desapareceu, e fiquei a tremer, com sangue — ou melhor, ranho — a descer-me pelo rosto.

Sentindo um embaraço incomensurável, libertei-me do abraço de Adam — sabendo, com humilhante certeza, que ele me *soltara*. Limpei o rosto com a bainha da camisola e encostei-me ao *Rabbit*, de bochecha contra o metal frio.

Fraca. Destroçada. Raios partam. Raios *me* partam. Senti a onda dele, do pânico, a aproximar-se, pronto a tomar-me novamente de assalto. Desespero e raiva impotente... Estavam todos mortos. *Todos mortos, e a culpa era minha.*

Mas ninguém estava morto. Não ainda.

Todos mortos. Todos os meus filhos, os meus amores e a culpa era minha. Coloquei-os em risco e falhei. Morreram por causa do meu fracasso.

Senti o cheiro de Stefan.

Os olhos dourados de Adam cruzaram-se com os meus, a cor a servir de prova à emergência do lobo. Beijou-me novamente, pressionou uma coisa qualquer contra os meus lábios, forçando a entrada dessa mesma coisa por entre os meus dentes com o indicador e o polegar sem tirar a boca dele da minha.

Era um pedacinho de carne sangrenta que me queimou a garganta. Aquilo tinha um significado.

— Minha — disse-me. — Não és do Stefan.

A erva seca estalou debaixo da minha cabeça e os grossos grãos de terra produziram um ruído semelhante a lixa que ecoou atrás dos meus olhos. Lambi os lábios e senti o sabor a sangue. O sangue de Adam.

O sangue e a carne do Alfa...

— De hoje em diante — disse Adam, a sua voz puxando-me de onde quer que estivesse. — Minha e só minha. Do bando e única amante — também ele tinha sangue no rosto, bem como nas mãos com as quais me tocara na face.

— Eu tua, tu meu — respondi, embora tenha sido uma voz seca e crocitante a pronunciar as palavras. Não sei por que razão respondi, só sei que o fiz maquinalmente. Escutara esta cerimónia tantas vezes, à qual ele acrescentara a parte «única amante».

Na altura em que me lembrei do motivo pelo qual não devia fazê-lo, do que significava, já era tarde demais.

Senti a magia atravessar-me, queimando-me, seguindo o caminho da-

quela porção de carne — e gritei enquanto tentava transformar-me numa coisa que eu não era. Do *bando*.

Senti-os a todos através do toque de Adam e do sangue de Adam. Por ele protegidos e governados. Todos eles eram também meus agora — e eu deles.

Ofegante, lambi os lábios e fixei-me em Adam. Soltou-me, pondo-se de pé e afastando-se de mim dois passos, deixando-me encostada à parte lateral do velho carro. Arrancara ferozmente carne do seu antebraço à dentada.

— Ele não te pode ter — disse-me, os seus olhos dourados indicando-me que ainda era o lobo que falava. — Não agora. Nunca. Não lhe devo isso.

Apercebi-me tardiamente do que acontecera. Limpei a boca com o pulso para me dar tempo para pensar. O meu pulso tinha adquirido a cor rosa por causa do sangue de Adam.

Stefan estava acordado... e, de um modo que não sei explicar, invadira a minha mente. Fora o ataque de pânico dele que eu sentira.

Todos mortos... Tive uma intensa sensação de náusea e percebi a quem se referia. Eu conhecera algumas das pessoas, pessoas humanas, que alimentavam Stefan. Ficara a saber quão terrivelmente vulneráveis se tornavam se algo acontecesse ao vampiro que delas se alimentava e as protegia.

Relanceei os olhos ao Sol poente.

— É um pouco cedo para um vampiro estar desperto, não é? — perguntei.

Tempo para toda a gente se acalmar. Eu incluída.

A sensação de ligação ao bando estava a desvanecer-se, mas nunca desapareceria completamente. Não agora que Adam me tornara membro do bando. Era mais comum fazê-lo numa reunião com todo o bando, mas a presença deste não era necessária. Apenas uma porção da carne e do sangue do Alfa e uma troca de votos.

Não achava que fosse possível induzir alguém que não fosse lobisomem. Certamente não achava que ele fosse capaz de me tornar elemento do bando. Por vezes, a magia tem um efeito estranho em mim, e vezes há em que basicamente sou imune a ela. Porém, com base nos resultados que conseguia sentir, desta vez funcionara na perfeição.

Adam virara-se e encontrava-se postado, de costas voltadas para mim, de ombros caídos e mãos cerradas em punhos nos flancos. Não respondeu à minha pergunta, mas, num tom firme, disse:

— Desculpa pelo que acabou de acontecer. Entrei em pânico.

Baixei a testa de encontro aos meus joelhos.

— Tem sido um sintoma muito frequente nos últimos tempos.

Ouvi os estalidos da erva seca enquanto caminhava novamente na minha direção.

— Estás-te a rir? — parecia incrédulo.

Olhei para cima, diretamente para ele. Os últimos raios de luz desenhavam-lhe a silhueta em tons dourados e obscureciam-lhe a expressão do rosto. No entanto, conseguia detetar-lhe vergonha na posição dos ombros. Tornara-me membro do bando sem me consultar — e também sem consultar o bando, embora isso não fosse estritamente necessário, apenas tradicional. Estava à espera que eu lhe gritasse como achava que merecia.

Adam estava habituado a pagar as consequências das suas opções — e por vezes as opções eram difíceis. Vinha tomando imensas opções difíceis por mim nos últimos tempos.

Stefan estivera tão profundamente dentro da minha cabeça que eu adquirira o seu cheiro. E Adam tornara-me membro do bando para me salvar. Estava preparado para pagar o preço — e tinha a certeza de que haveria um preço definido. Mas não por mim.

— Obrigada, Adam — disse-lhe. — Obrigada por teres desfeito o Tim em pedaços. Obrigada por me teres forçado a beber uma última taça de poção feérica para poder usar ambos os braços. Obrigada por estares presente, por me aturares — por essa altura, já não me estava a rir. — Obrigada por impedires que eu fosse mais uma das ovelhas de Stefan. Entre isso e pertencer ao bando, prefiro mil vezes a segunda opção. Obrigada por tomares as decisões difíceis, por me teres dado tempo — levantei-me e caminhei na sua direção, inclinando-me contra ele e pressionando o meu rosto no seu ombro. — Obrigada por me amares.

Envolveu-me nos seus braços, apertando-me com uma força tal que senti dor nos ossos. Por vezes, o amor dói assim.

Teria adorado ficar ali para sempre, mas passados alguns minutos senti um suor frio brotar da minha testa e a minha garganta começou a estreitar. Recuei antes de me ver obrigada a fazer algo mais violento em reação à aversão ao toque que Tim deixara em mim.

Só depois de me desencostar de Adam é que me apercebi de que estávamos rodeados pelo bando.

O.K., quatro lobos não fazem um bando. Porém, não os ouvira chegar e, acreditem em mim, quando se tem cinco lobisomens (incluindo Adam) por perto, uma pessoa sente-se cercada e avassalada pela sua força.

Ben estava presente, com uma expressão alegre que simplesmente parecia desadequada à sua face de traços delicados, que por norma era zangada e amarga. Warren, o número três de Adam, parecia todo emproado. Aurielle, a parceira de Darryl, tinha uma expressão neutra, mas havia algo na sua postura que me indicava que estava agitada. O quarto lobo era Paul, que eu não conhecia muito bem — mas o que conhecia não me agradava.

Paul, o líder da facção «detesto o Warren porque ele é homossexual» pertencente ao bando de Adam, parecia ter levado um golpe inesperado. Estava em crer que lhe dera um motivo para passar a ser eu a pessoa que ele mais odiava no bando.

Atrás de mim, Adam colocou as mãos sobre os meus ombros.

— Meus filhos — disse formalmente —, apresento-vos a Mercedes Athena Thompson, o nosso membro mais recente.

Seguiu-se um clima de grande embaraço.

...

Se não o tivesse sentido anteriormente, pensaria que Stefan ainda estava inconsciente, ou morto, ou qualquer outra coisa, em virtude do Sol. Estava estendido, hirto, sobre a cama na jaula, como um cadáver num carro fúnebre.

Acendi a luz para vê-lo melhor. O facto de se ter alimentado curara-lhe grande parte dos ferimentos mais visíveis, embora nas faces ainda permanecessem marcas vermelhas. Parecia vinte quilos mais magro do que quando o vira pela última vez — como uma vítima de um campo de concentração que me perturbava a paz de espírito. Tinham-lhe dado roupas novas para substituir as vestes imundas, rasgadas e manchadas, as ubíquas peças de substituição que todos os antros de lobisomens tinham — fatos de treino. O que ele vestia era cinzento e pendia-lhe dos ossos.

Na sala de estar, no andar de cima, Adam presidia àquilo que rapidamente se começava a transformar numa reunião de todo o bando. Parecera aliviado quando me retirara para ver Stefan — julgo que a sua preocupação era que alguém dissesse algo que pudesse ferir os meus sentimentos. Nesse sentido, subestimava-me. As pessoas de quem eu gostava tinham a capacidade de ferir os meus sentimentos, mas quase completos estranhos? Estava-me a marimbar para o que eles pensavam.

Os bandos de lobisomens eram ditaduras, mas quando se estava a lidar com uns quantos americanos criados com base na Declaração dos Direitos do Homem, havia que agir com alguma cautela. Os novos membros eram geralmente anunciados como potenciais e não tanto como elementos efetivos. Uma certa prudência seria especialmente apropriada quando estava a fazer algo tão ousado como integrar um não-lobisomem no bando.

Nunca ouvira falar em alguém que tivesse feito isso. As parceiras não lupinas na verdade não faziam parte do bando. Tinham estatuto, enquanto parceiras dos lobos, mas não pertenciam ao bando. Nem com cinquenta cerimónias de carne e sangue poderiam ser transformadas em elementos do bando — a magia simplesmente não permitiria a entrada de um humano. Aparentemente, o facto de eu ser coioote colocava-me numa posição suficientemente próxima dos lobos para que a magia do bando permitisse a minha integração.

Talvez Adam também devesse ter discutido com o Marrok a minha inclusão.

Diante da casa, iam parando carros, mais elementos do bando. Conseguia sentir-lhes o peso, a inquietação e a confusão. A fúria.

Esfreguei os braços nervosamente.

— Que se passa? — perguntou Stefan numa voz baixa e sã que me teria tranquilizado mais se se tivesse mexido ou aberto os olhos.

— Além da Marsília? — perguntei-lhe.

Nessa altura, olhou para mim, os seus lábios curvando tenuemente.

— É mais do que suficiente, suponho. Mas a Marsilia não é a razão pela qual esta casa está a ficar cheia de lobisomens.

Sentei-me no chão espessamente atapetado e inclinei a cabeça de encontro às grades da jaula. A porta estava fechada e trancada, e a chave que por vezes se encontrava pendurada na parede do outro lado do corredor não estava lá. Estaria na posse de Adam. No entanto, não era importante. Tinha a certeza de que Stefan se poderia ir embora quando desejasse — da mesma forma que aparecera na minha sala de estar.

— Certo — suspirei. — Isso também é culpa tua, suponho.

Sentou-se e inclinou-se para a frente.

— O que aconteceu?

— Quando saltaste para dentro da minha cabeça — disse-lhe —, o Adam sentiu-se ofendido — não lhe expliquei exatamente como tudo se tinha desenrolado. A prudência dizia-me que Adam não ficaria muito satisfeito comigo se partilhasse questões do bando com um vampiro. — O que ele fez, e acho que vais ter de ser tu a perguntar-lhe, levou o bando a cair-lhe em cima.

Franziu o sobrolho, claramente intrigado, até que lentamente começou a perceber.

— Desculpa, Mercy. Tu não devias... Não era minha intenção — desviou a cabeça. — Não estou habituado a estar tão sozinho. Estava a sonhar, e ali estavas tu, a única pessoa ligada a mim por um laço de sangue. Acho que também sonhei isso.

— Ela matou mesmo todos? — sussurrei, recordando algumas das coisas que me tinha dado enquanto estivera dentro da minha cabeça. — Todas as tuas... — *ovelhas* não era lá muito politicamente correto, e eu não queria acicatá-lo, mesmo sendo verdade que todos os vampiros chamavam ovelhas aos humanos mundanos que mantinham cativos para deles se alimentarem. — Todas as tuas pessoas?

Tinha conhecido algumas delas, e gostara de uma ou duas. Todavia, por uma qualquer razão que desconhecia, em vez dos rostos das pessoas que conhecera, era do jovem vampiro Danny que eu me lembrava, o seu fantasma a baloiçar a um canto na cozinha de Stefan. Este tão-pouco tinha sido capaz de protegê-lo.

Stefan lançou-me um olhar sinistro.

— A disciplinar-me, dizia ela. Mas acho que foi mais vingança do que qualquer outra coisa. E eu consigo alimentar-me deles à distância. Ela queria que eu estivesse esfomeado quando aterrei aos teus pés.

— Ela queria que tu me matasses.

Anuii energicamente com a cabeça.

— É isso mesmo. E se não estivesse metade do bando do Adam em tua casa, era o que eu teria feito.

Considerarei o olhar obstinado no seu rosto.

— Acho que ela te subestimou — disse-lhe.

— Será? — sorriu, só um nadinha, e abanou a cabeça.

Encostei a cabeça à parede.

— Eu... — *ainda estou zangada contigo* não era a expressão mais apropriada. Era um assassino de inocentes, e aqui estava eu a falar com ele, preocupada com ele. Não sabia como completar aquele pensamento, muito menos a frase, portanto passei a um assunto diferente.

— Portanto, a Marsília sabe que eu matei o Andre e tu e o Wulfé encobriram isso?

Fez que não com a cabeça.

— Ela sabe qualquer coisa... não falou muito comigo. Eu fui o único que ela puniu, portanto não creio que ela saiba do Wulfé. E talvez eu não...

— olhou para mim de debaixo da sua franja, que crescera neste último dia. Tinha ouvido dizer que uma ingestão intensa e continuada de sangue podia provocar isso. — Fiquei com a sensação de que estava a ser punido por associação. Eu era o elo entre ti e o ninho. Eu era a razão pela qual ela recorreu a ti para pedir ajuda e te deu permissão para matar o animal de estimação do Andre. Eu fui a razão pela qual foste bem sucedida. Tu és culpa minha.

— Ela é doida.

Abanou a cabeça.

— Não a conheces. Está a tentar fazer o que é melhor para os seus.

O ninho de vampiros em Tri-Cidades tinha-se instalado naquela área antes de as cidades se terem edificado. Marsília fora enviada para aqui como forma de punição por ter andado a dormir com o favorito de uma outra vampira. Fora uma pessoa influente, portanto viera acompanhada de assistentes — basicamente, ao que sabia, Stefan, Andre (o segundo vampiro que eu matara) e uma personagem verdadeiramente sinistra de seu nome Wulfé.

Wulfé, que tinha a aparência de um rapaz de dezasseis anos, tinha sido bruxo ou feiticeiro enquanto humano, e por vezes vestia-se como um camponês medieval. Suponho que pudesse estar a fingir, mas suspeitava de que era mais velho do que Marsília, cujo nascimento remontava à época do Renascimento, a julgar pelas vestes.

Marsília fora enviada para aqui para morrer, porém isso não acontecera. Em vez disso, garantira a sobrevivência dos seus. À medida que a civilização começou a crescer, a vida no ninho tornou-se mais fácil. Uma vez passado o período de luta pela sobrevivência, Marsília acomodara-se a uma apatia que se prolongou durante décadas — eu chamar-lhe-ia enfado.

Só recentemente começara a revelar interesse pelas coisas que aconteciam em seu redor, e, em resultado disso, a hierarquia do ninho estava num rebuliço. Stefan e Andre tinham sido leais seguidores, mas havia outros dois vampiros que não ficaram particularmente satisfeitos ao ver Marsilia ativa e no comando. Conheceram-os: chamavam-se Estelle e Bernard, mas não sabia o suficiente sobre os vampiros para determinar até que ponto estes dois eram uma ameaça.

Na primeira ocasião em que conhecera Marsilia, de certo modo sentira admiração por ela... pelo menos até ter enfeitado Samuel. Isso assustara-me. Samuel é o segundo lobo mais dominante da América do Norte, e ela e os seus vampiros dominaram-no... facilmente. Esse medo crescera a cada encontro.

— Não é para te contrariar, Stefan — disse-lhe. — Mas é chanfrada. Ela queria criar mais uma daquelas... daquelas *coisas* que o Andre concebeu.

O seu rosto fechou-se.

— Não sabes do que estás a falar. Não fazes ideia das coisas de que ela abdicou quando veio para aqui, ou daquilo que fez por nós.

— É possível que não, mas eu conheci aquela criatura, e tu também. Nada de bom poderia resultar da criação de mais uma — a possessão demoníaca não é uma coisa bonita. Inspirei fundo e tentei manter o sangue-frio. Mas não fui bem sucedida. — Mas tens razão. Não sei o que a move. Do mesmo modo que não te conheço.

Limitou-se a olhar para mim, inexpressivo.

— Fazes muito bem de humano, a conduzir a tua Máquina Mistério de um lado para o outro como o Shaggy. Mas o homem que eu achava que tu eras jamais teria matado as vítimas do Andre daquela forma.

— Foi o Wulfé quem os matou — ele estava a marcar uma posição, não a defender-se. Isso deixou-me furiosa; ele *devia* sentir a necessidade de se defender.

— Tu *concordaste*. Duas pessoas já tinham sido vitimizadas mais do que o suficiente, e vocês os dois partiram-lhes os pescoços como se não passassem de galinhas.

Nessa altura, também ele ficou furioso.

— Eu fi-lo por *ti*. Não percebes? Ela destruía-te se tivesse descoberto. Eles não eram nada, eram menos do que nada. Pessoas da rua que acabariam por morrer sozinhas. E *ela* ter-te-ia matado! — estava de pé quando terminou.

— Não eram nada? Como é que sabes? Não tiveste propriamente uma conversa com elas — também eu me levantei.

— De qualquer das formas, elas tinham de morrer. Sabiam da nossa existência.

— Nesse ponto estamos em desacordo — disse-lhe. — Então, e o poder sobre as mentes humanas de que te gabavas?

— Só funciona se o contacto connosco for muito curto... Uma dentada, não mais do que isso.

— Eram pessoas que estavam vivas, que respiravam, e que foram assassinadas. Por *ti*.

— Como é que você sabe que a Mercy esteve na casa do Andre? — a voz calma de Warren, que descia as escadas, interrompeu-nos como uma onda de água glacial. Passou por mim e usou a chave para abrir a porta da jaula. — Já há uns tempos que me venho perguntando isso.

— Como assim? — perguntou Stefan.

— O que eu quero dizer é que *nós* soubemos que ela tinha encontrado o Andre porque o tinha dito ao Ben, pensando que ele não tinha possibilidade de contar a mais ninguém, uma vez que se mantivera na forma de lobo desde a morte do vampiro possuído pelo demónio. O Ben transformou-se de forma que nos pudesse informar, mas ainda assim não pudemos ir à procura dela porque não sabíamos onde estava o Andre. Você não tinha como saber o que ela estava a fazer. Como é que tomou conhecimento de que ela estava a matar o Andre, mesmo a tempo de encobrir o crime?

Stefan não fez qualquer movimento para sair da jaula. Cruzou os braços e encostou um ombro às grades enquanto considerava a questão de Warren.

— Foi o Wulfe, não foi? — perguntei. — Ele sabia o que eu andava a fazer porque uma das casas a que eu fui era a dele.

— O Wulfe — disse Warren lentamente, vendo que Stefan não respondia. — Ele é o tipo de homem que ficaria indignado se a Marsilia convocasse um demónio para possuir um vampiro? Que desejaria pôr travão à situação às custas da destruição do Andre? Que recorreria a si para o ajudar nessa tarefa?

Stefan fechou os olhos.

— Ele veio ter comigo. Disse-me que a Mercy estava em sarilhos e precisava de ajuda. Só mais tarde é que me perguntei por que razão o teria feito.

— Já teve estes pensamentos antes — afirmou Warren. — Então, e o que é que decidiu?

— Isso importa?

— É sempre bom conhecermos os nossos inimigos — respondeu Warren com um preguiçoso e arrastado sotaque do Texas. — Quem são os seus?

Stefan dirigiu-lhe o olhar de um urso apanhado numa armadilha, todo frustração e ferocidade.

— Não sei — disse com os dentes cerrados.

Warren sorriu friamente, com um olhar severo.

— Oh, tenho para mim que sabe. Você não é estúpido; você não é uma criança. Você sabe como as coisas funcionam.

— O Wulfe usou-me para chegar a ti — disse eu. — Depois, contou à Marsilia o que tinhas feito.

Stefan limitou-se a olhar para mim.

— Contigo e com o Andre fora de cena, restam o Wulfe, o Bernard e a Estelle — esfreguei as mãos e perguntei-me se o facto de saber o que acontecera traria algum bem a Stefan. Não alteraria as coisas, e saber que ele caíra na armadilha de Wulfe não ia ajudar Stefan nesta altura. Ainda assim, tal como dissera Warren, é bom conhecermos os nossos inimigos. — E quanto ao Bernard e à Estelle... a Marsilia já não confia neles, certo?

Stefan acenou afirmativamente com a cabeça.

— Sempre que podem, congeminam contra ela, e ela tem consciência disso. Não foram criação dela, foram dados como presente por um vampiro a quem é difícil dizer não. Ela tem de cuidar deles, como faria com qualquer presente desta natureza... mas isso não significa que tenha de confiar neles. O Wulfe... o Wulfe é um mistério mesmo para ele próprio, acho. Acreditam que o Wulfe arquitetou isto como forma de adquirir mais poder? — desviou o olhar e não falou durante algum tempo, claramente a pensar no que acabara de dizer.

Finalmente, abraçou as grades da jaula aberta.

— O Wulfe já tem poder... Se quisesse mais, era só pedir. No entanto, parece que teve influência na minha queda por uma qualquer razão que lhe conviesse.

— Se a Marsilia sabe que você prestou auxílio na altura em que a Mercy matou o Andre, porque é que a Mercy não está morta? — perguntou Warren.

— Ela devia estar morta — replicou Stefan ferozmente. — Porque é que acham que a Marsilia me deixou à fome até eu não ser mais do que uma besta devoradora, e depois me largou na sala de estar da Mercy? Não ficaram a achar que o fiz de *motu proprio*, ou ficaram?

Acenei com a cabeça.

— Então, ela achava que podia resolver tudo sem custos para ela ou para o ninho? Se tu me tivesses matado, ela podia ter alegado que tinhas fugido enquanto te estava a punir. Teria sido uma pena apareceres em minha casa e matares-me. Mas ela subestimou-te.

— Ela não me subestimou — disse Stefan. — Ela *conhece*-me — dirigiu-me um olhar que me fez perceber que a boca que lhe tinha mandado sobre não o conhecer o tinha atingido. — Simplesmente, não estava à espera que o lobisomem Alfa estivesse em tua casa para lhe dar cabo dos planos.

Eu estivera lá — e não acreditei que ele o pudesse fazer.
Dirigiu-me um sorriso escarninho quando viu o meu rosto.
— Não desperdices o teu tempo com noções românticas a *meu* respeito. Eu sou um *vampiro*, e ter-te-ia matado.
— É giro quando fica furioso — observou Warren secamente.
Stefan virou-nos costas.
— Ela está completamente sozinha, e nem sequer tem consciência disso — disse num suave tom de angústia.
Não estava a falar sobre mim.
Tinha sido muito magoado nos tempos mais recentes, e entendi que merecia um descanso, portanto voltei-me para o Warren e perguntei:
— Porque é que não estás lá em cima na reunião?
Warren encolheu os ombros, os seus olhos imperscrutáveis.
— O chefe safa-se melhor sem mim para agitar o barco.
— O Paul odeia-me mais do que te odeia a ti — disse-lhe presumidamente.
Lançou a cabeça para trás e riu — que era o que pretendia.
— Queres apostar? Dei-lhe semelhante coça que ele foi a Seattle e voltou. Não morre de amores por mim.
— És um lobo. Eu sou uma coiole. Não há comparação possível.
— Ei — disse Warren em tom zombeteiro. — Tu não representas uma ameaça para a masculinidade dele.
— Eu estou a poluir o bando — repliquei. — Tu és só uma aberração.
— Isso é porque tu lhe chamaste um... Stefan?
Olhei em volta, mas o vampiro tinha desaparecido. Não tivera oportunidade de lhe perguntar sobre a cruz de ossos na minha porta.
— Mer-da! — exclamou Warren. — Mer-da.

— Telefonaste ao Bran? — perguntei a Adam na noite seguinte, puxando para baixo o meu vestido favorito, azul-esverdeado, até servir de barreira entre o assento em couro do SUV de Adam e a minha pele nua.

Não me tinha dito onde íamos no nosso encontro, mas Jesse telefonara-me mal o pai saíra e descrevera-me o que ele tinha vestido — portanto sabia que ia precisar de artilharia pesada. Apesar de partilharmos uma vedação traseira, a distância de carro é significativamente mais longa, e tivera tempo para me enfiar no vestido apropriado antes de ele estacionar à minha porta.

Adam usa fatos. Vai de fato para o trabalho, para as reuniões do bando, para os encontros políticos. Uma vez que o seu horário de trabalho é basicamente o mesmo que o meu, isso significa seis dias por semana. Ainda

assim, havia uma diferença entre os seus habituais fatos de trabalho e aquele que trazia esta noite. Os primeiros eram feitos para anunciar que se estava perante alguém numa posição de comando. Este dizia: «E também é *sexy*.» E era.

— Não há necessidade de telefonar ao Bran — disse-me irascivelmente enquanto metíamos para a autoestrada. — Provavelmente, metade do bando telefonou ao Bran assim que chegou a casa. Ele telefona-me quando achar que é a altura certa.

Provavelmente, tinha razão. Não tinha feito perguntas, mas o seu rosto carrancudo na altura em que Warren e eu subimos da cave a noite passada — depois de toda a gente se ter ido embora com exceção de Samuel — tinha dito tudo o que havia a dizer.

Samuel beijara-me nos lábios para irritar Adam e afagara-me o cabelo. «Ah, estás aqui, lobinha. Ainda com o teu talento natural para causar problemas, estou a ver.»

Aquilo era injusto. Os causadores disto tinham sido Stefan e Adam. Informei Samuel disso, mas só depois de ele me ter acompanhado no regresso a casa.

Adam telefonou-me uma vez, durante a tarde, para se certificar de que eu me lembrava que íamos ter um encontro. Ligara imediatamente a Jesse dando-lhe ordens para que me dissesse o que o seu pai vestia. Fiquei a dever-lhe cinco dólares, mas valeu a pena ver o Adam sorrir quando pulei para o interior do seu SUV.

Mas rapidamente o sorriso desapareceu com um beijo meu. O seu *Explorer* ainda tinha uma amolgadela enorme no para-choques da altura em que um dos lobos o atingira — após ter sido arremessado por uma criatura feérica zangada. Culpa minha. Portanto, perguntara-lhe se ele já tinha uma estimativa dos custos do arranjo, e, em resposta, rosnara-me. Depois disso, perguntara-lhe por Bran.

Até ao momento, o nosso encontro estava a correr às mil maravilhas. Voltei a ajeitar o vestido.

— Mercy — disse Adam, com um tom ainda mais rabugento.

— Que foi? — se disparasse na sua direção, a culpa era dele por ter resmungado comigo em primeiro lugar.

— Se não parares de mexer nesse vestido, vou arrancar-to e já não jantamos.

Olhei para ele. Estava de olhos postos na estrada, e ambas as mãos estavam no volante... mas assim que prestei atenção, percebi o que lhe tinha feito. *Eu*. Com resquícios de massa lubrificante debaixo das unhas e pontos no queixo.

Talvez não tivesse arruinado completamente o nosso encontro. Vol-

tei a baixar o vestido lentamente, resistindo com sucesso ao impulso de levantá-lo ainda mais apenas porque não tinha a certeza se seria capaz de lidar com o que poderia acontecer. Pensava que Adam estava a brincar, mas... Desviei a cabeça na direção da minha janela e tentei conter um sorriso.

Levou-nos ao restaurante que acabara de ser inaugurado na zona ocidental de Pasco, que estava em franco crescimento. Há escassos dois anos era praticamente um deserto, mas agora tinha restaurantes, uma sala de espetáculos, uma Lowe's³ e... um Wal-Mart superbué-grande (palavras de Jesse).

— Espero que gostes de comida tailandesa — estacionou na zona oeste do parque, no meio de nenhures. A paranoia tem manifestações curiosas. A mim, provocava-me ataques de pânico; a ele, fazia-o estacionar em locais que lhe possibilitassem uma fuga rápida. Ambos tínhamos paranoias — seria um «felizes para sempre» impossível para nós?

Pulei do carro e disse num tom adequadamente resolutivo:

— De certeza que têm hambúrgueres.

Fechei a porta enquanto ele exibia uma expressão estupefacta. Ouviu-se o estalido das portas a trancar, e ali estava ele, com os braços nos meus flancos... e um sorriso rasgado.

— Tu gostas de comida tailandesa — disse-me. — Admite lá.

Cruzei os braços e ignorei a idiota balbuciante que não parava de guinchar «Estou encurralada por ele, encurralada» dentro da minha cabeça. O facto de ser ainda mais agradável ter Adam bem perto de mim ajudava. E Adam com um sorriso... bom. Tem uma covinha, só uma. E não precisa de mais nada.

— A Jesse contou-te, não contou? — disse em tom resmungão. — Da próxima vez que a vir, vou denunciá-la pela catraia desbocada que é. Vais ver se não vou.

Soltou uma risada... e, em seguida, deixou cair os braços e afastou-se provando que se dera conta do meu habitual pânico. Agarrei-o pelo braço para provar que não estava assustada e fi-lo contornar o *Explorer* em direção ao restaurante.

A comida era excelente. Tal como dissera a Adam, eles de facto tinham hambúrgueres. Embora não houvesse dúvidas de que seriam bons, nenhum de nós os pediu. Podia estar a comer plantas do mar e pó que ainda assim teria gostado.

Falámos sobre carros — e sobre como eu achava que o *Explorer* dele era um monte de lata e ele pensava que eu estava presa aos anos setenta.

³ Superfície comercial de bricolagem e jardim. (N. do T.)

Fiz-lhe notar que o meu *Rabbit* era um modelo respeitável dos anos oitenta, tal como a minha *Transporter* — e que as probabilidades de o seu SUV ainda estar vivo dali a trinta anos eram nulas. Especialmente, se os seus lobos continuassem a ser arremessados contra ele.

Falámos sobre filmes e livros. Ele gostava sobretudo de biografias. A única biografia de que algum dia gostara tinha sido *Carry on, Mr. Bowditch*⁴, que lera no sétimo ano. Adam não lia ficção.

Entrámos numa discussão acerca de Yeats. Não acerca da sua poesia, mas da sua obsessão pelo oculto. Adam considerava-a ridícula... Achei engraçado que um lobisomem pensasse isso e meti-me com ele até ele se aperceber de que estava a fazê-lo.

— Mercy — disse, e o seu telefone tocou.

Bebi um gole de água e preparei-me para ouvir a sua conversa. Mas, afinal, foi muito curta.

— Daqui fala Hauptman — atendeu.

— É melhor vir aqui, lobo — disse uma voz desconhecida, desligando em seguida.

Olhou para baixo na direção do número e carregou o sobrolho. Levantei-me e contornei a mesa para poder ver por cima do seu ombro.

— Foi alguém que ligou do *Tio Mike* — informei-o, tendo memorizado o número.

Adam arremessou algum dinheiro sobre a mesa e saiu porta fora numa passada veloz. Com o rosto severo, avançou com o seu *Explorer* por entre o trânsito acima do limite de velocidade. Tínhamos acabado de sair da interestadual quando algo aconteceu... Senti um assomo de raiva e horror, e alguém morreu. Um dos do bando.

Pus a mão na perna de Adam, nela cravando as unhas em virtude da tristeza e da fúria que perpassava o bando. Acelerou a fundo e deslizou através do trânsito da noite como uma enguia. Nenhum de nós pronunciou uma única palavra durante os cinco minutos que levámos a chegar ao *Tio Mike*.

O parque de estacionamento estava repleto de SUV e carrinhas de caixa aberta enormes, do tipo mais comum entre as criaturas feéricas. Adam não se deu ao trabalho de estacionar, simplesmente seguiu a direito até à porta e parou. Não esperou por mim — mas não tinha de fazê-lo. Estava mesmo atrás dele quando passou disparado pelo porteiro.

O porteiro nem sequer protestou.

O bar cheirava a cerveja, asinhas de frango fritas e pipocas, odores comuns a qualquer outro bar de Tri-Cidades, excetuando o facto de tam-

⁴ Biografia de Nathaniel Bowditch, da autoria de Jean Lee Latham. (*N. do T.*)